



UM SONHO DE DIONISO

Marcelo
Gomes
Jorge Feres



virtualbooks

UM SONHO DE DIONISO

Marcelo Gomes Jorge Feres

Edição especial para distribuição gratuita pela Internet,
através da Virtualbooks, com autorização do Autor.

O Autor gostaria de receber um e-mail de você com seus
comentários e críticas sobre o livro.

A VirtualBooks gostaria também de receber suas críticas e
sugestões. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento
de nossas edições: **Vbooks02@terra.com.br** Estamos à espera
do seu e-mail.

Sobre os Direitos Autorais:

Fazemos o possível para certificarmos-nos de que os materiais
presentes no acervo são de domínio público (70 anos após a
morte do autor) ou de autoria do titular. Caso contrário, só
publicamos material após a obtenção de autorização dos
proprietários dos direitos autorais. Se alguém suspeitar que algum
material do acervo não obedeça a uma destas duas condições,
pedimos: por favor, avise-nos pelo e-mail:
vbooks03@terra.com.br para que possamos providenciar a
regularização ou a retirada imediata do material do site.



www.virtualbooks.com.br

UM SONHO DE DIONISO

Marcelo Gomes Jorge Feres

“Sem mito, porém, qualquer cultura perde sua saudável força natural criadora; só com um horizonte rodeado de mitos todo um movimento cultural se unifica”.²

“Richard Wagner e Friedrich Nietzsche sentiam seu tempo como uma situação social de crise, porque pobre de significados, e por isso tratam de encontrar ou inventar novos mitos”.³

“Richard Wagner julga-se bem representado no retrato de Dioniso. Mas Nietzsche também tinha querido retratar a si mesmo e a suas paixões por aquele ‘deus desconhecido’”.⁴

“Nietzsche queria o Inaudito, por isso a música lhe era tão próxima. Desejava o retorno do sentimento trágico do mundo. Queria sabedoria dionisiaca em lugar de ciência”.⁵

“O drama musical wagneriano despertou no jovem Nietzsche a esperança de reconstruir-se a vida espiritual alemã (...)”⁶

“Wagner escreve: ‘você pode assumir boa parte, uma metade inteira da minha destinação!’ (...) Poderiam se complementar magnificamente, Nietzsche continuado filólogo e ‘orientando-o’, como inversamente o filólogo se deixaria guiar e inspirar pelo músico”.⁷

“O que vai separar Nietzsche e Wagner depois de uma harmonia inicial será o contraste entre uma produção de mitos que exige validade religiosa (Wagner) e um jogo estético com o mito, que está a serviço da arte de viver (Nietzsche)”.⁸

“É possível que Wagner sofresse na mesma medida e apenas ocultasse os seus verdadeiros sentimentos por orgulho? Ele pelo menos podia esperar substituir meu irmão (Nietzsche) nas fileiras dos seus discípulos talentosos e entusiastas, ao passo que meu irmão estava condenado à solidão de espírito. Os verdadeiros sentimentos de Wagner nunca foram divulgados, mas deu-se um vislumbre dos seus pensamentos íntimos quando fui a Bayreuth assistir à primeira representação de Parsifal. Wagner desejou ver-me a sós e, antes de falar do seu ‘canto do cisne’ disse, suavemente: ‘Diga a seu irmão que estou completamente só desde que ele se foi embora e me deixou’. Isto foi dito seis meses antes da sua morte, no período da sua maior celebridade, com o mundo inteiro a seus pés. Ao ouvir esta comovente mensagem de despedida, meu irmão escreveu um dos seus sublimes aforismos:

‘Fomos amigos e tornamo-nos estranhos. Mas é bom que assim seja e não devemos tentar dissimulá-lo nem ocultá-lo como se fosse motivo para nos envergonharmos. Como dois navios que seguem cada um a sua própria rota para a sua meta poderemos sem dúvida cruzarmo-nos novamente e celebrar momentos de festa tal como no passado – quando os belos navios fundeavam lado a lado no mesmo porto, sob o mesmo

Sol, tão calmos que pareciam ter chegado a uma meta e destino comuns. Mas logo o poder inexorável das nossas diferentes missões afastou-nos de novo para longe um do outro, para mares, paragens e sóis diferentes – talvez para não mais nos encontrarmos, talvez para de novo nos revermos mas sem nos reconhecermos – que os vários mares e sóis hão-de nos ter mudado! Que nos tornássemos estranhos um ao outro assim o determinou a lei acima de nós: por essa mesma razão mais deveremos mutuamente respeitar-nos! Exatamente por isso a lembrança da nossa amizade de outrora deverá ser para nós mais sagrada! Há decerto uma imensa órbita invisível, uma imensa via estelar onde as nossas rotas e metas divergentes estão traçadas como ínfimas fases ao longo do trajeto – elevemo-nos à altura deste pensamento! A nossa vida é demasiado breve, a nossa visão demasiado fraca para nos permitirem ser mais do que amigos no sentido desta possibilidade sublime!

Portanto, tenhamos fé na nossa amizade estelar, mesmo se condenados a ser inimigos aqui na Terra.””⁹

RETALHOS DE UM SONHO DE DIONISO

“Pois eu nunca tivera ninguém, exceto Richard Wagner!” (Nietzsche)¹⁰

A você, Friedrich Wilhelm Nietzsche, com toda a tensão do meu arco, com a rigidez da minha força feita em cordas, com o intermédio da minha alma, com o nosso alvo imantado com o desejo pelo vôo da flecha.

Retalhos de um sonho. Por que não? Acaso não pareço cansado qual qualquer dos sonhos que não desceu ao chão ou que não se foi com o vento? E quando assim então, o que somos senão pedaços que partiram no humano sonho de nos reunirmos? Para ti meu pequeno sorriso, quando a vida, que somos, é palco onde nossas representações logram vê-la batida, estanque o bastante para, com olhos apaixonados, sabê-la partida.

Mas é para vocês, que à minha frente desfilam. Busco a última palavra e o último carinho, mas é em vão. Apenas que foi talvez desejo, ou paixão, buscar pela paz no pulsar do coração.

Já há muito que os dias vêm carregados. Assisto, porque também vejo que vivo, o choque das paixões. O que está perdido? Há de ser o Cristo. Quando são nada os turbilhões de ontem. A vida que é uma corrida contra o tempo,

queremos o eterno quando misturam-se vida e tempo, e, porque o sabemos, nada mais fazemos que correr com o tempo na espera pela paz, porque só há morte e vida que é movimento. Nada mais.

Sou uma grande árvore. Grandes galhos pontiagudos e tenro caule profundo, nebulosa copa de folhas e espadas que bradam e não se contentam, seiva programada que gargalha em folhas ao vento. Sou uma grande árvore. Tombado ao meio ergo a cabeça, sorrindo com sede alimento as areias, em meio ao que vaga não tenho raízes.

Carência gera carinho, aqui, sou eu a carência que sinto, porque são partidas os pedaços que rumino. Debater-me entre todo o certo e todo o errado quando nada há que não seja a fuga de todo o meu cansaço. E tu que acharias no esplendoroso reino de tuas fantasias, com desabafado carinho, e para mim, que sou um teu pedacinho, tão lindo jardim de jasmims e de leitos que repousam tudo aquilo que é angústia em palpitação de nossos peitos. Mas, aqui dentro, e como pretender eu, no compromisso de todo o meu descompromisso,

assumir o que quer que seja senão o nada que, separado, é negação e desejo de um tudo que traz o repouso do que já é acabado?

Amo os homens porque também amo insetos e estrelas, universos e poeiras. Lançado ao mais longe retorna jamais esgotado o meu amor pelos homens. Em redes de pescador desfruto do meu amor, desfaço todas as amarras do meu barco e em suaves ondas deixo-me e parto. São de mim todos os sentimentos lançados, desabam trançados em meigo e último laço que o desfaço, e à minha frente verdes olhos apaixonados e macios cabelos que ao vento agitam-se e todo o meu barco. O esperado e repentino sorriso pinga de minha face, mas não estou cansado, qual aqueles esverdeados não meço se todo eu me debato. Á! acima estão as estrelas e todo eu aqui embaixo. Sinto um grande silêncio e pressinto o eterno ato, e todo o universo, platéias e cenários, á, são as meigas ondas que assistem o meu barco. E das mais profundas trevas apenas resto iluminado, colecionando universos e poeiras sinto-me recompensado, e para aqueles à minha frente, agora cerrados e tão ardentes, sussurro - vamos, vamos libertá-los. E novamente parto, e do mar nova estrela de pontas que desponta na pontada

que trago, foram-se os esverdeados, mas sem que jamais eu os tenha deixado.

Há coisas que descobrimos pela vida. Com o espírito sempre voltado para nós mesmos perscrutamos o imensurável a buscarmos pela terra de nossos valores, pelo que nos faz crescer no único lugar em que nos sentimos. Há coisas que descobrimos, que nos mostramos, nada tão finalístico, tão infindo do que quando nos desenterramos - pela vida o peso do tudo, o mesmo nada que carregamos. Há coisas que descobrimos pela vida. Crianças sorrindo e homens que caminham, de onde eu sinto vejo a vida apenas sendo, em mim sorrindo, em meu caminho. Mas o Dioniso, deslumbrado e abatido, dionisiaco niilismo, apostou com a vida uma corrida, o que é empenha tudo, que todos assistam. Pela vida descobrimos que livres somos mais velozes que qualquer coisa que não o nosso eu, e alucinados arrastamos o mundo pesado da largada ao destino que na vida somos incrustados. Vem, vem a galope Dioniso alado, minha arte, vem da vida ganhar o empate, vem ser pelo sempre o que descobrimos a cada passo, vem desenterrado, não mais queremos tantas mortes, não quando a vida, ela mesma, está a forçar nossos passos, tão

serena a acenar com cem bandeiras, por aqui homens, vinde apenas, não há o que temer, o que fazer, vinde apenas, a meu lado para no vento soprarmos, em mim para nossos cabelos alisarmos, por mim para no eterno chegarmos.

Nada é mais espontâneo do que aquilo que é o mais óbvio e o mais profundo. Por que começamos a vida, de modo tão errado? O ser total encontra-se na exposição de todo o ser, o que se mostra é também porque quer viver. Dar vida a todo o ser, sei que chamarás de tantos nomes, mas, dar vida a um louco amor que enlouquecido não é batido, quando sou eu aquele que preferiu as paixões e os seus martírios a um amor decerto menos doloroso mas menor e consentido, isso, esse dionisiaco, esse dar um só e mesmo sentido ao princípio, esse niilismo, esse amor fatal que galopa e uiva e chora, esse espetáculo de gaivotas que em profusão são como ponteiros que apontam e acusam a cada hora, esse louco fremito, o bramir, explode o ser inteiro em abrangedor sentir, todo ele, por inteiro, sentimentos são o mesmo, o mesmo que o tão-somente sentir quando de mesmo modo tudo se sente, de modo como, sempre, quando lá tão distante lá longe sim, aqui dentro, se Deus conheço sei que não prezo a vida tanto assim,

mas é dela que recebo, porque sou apaixonado, e é por ela e meus olhos não baixam de sob todo o peso, e recebo e recebo, e gaguejo, e bailo e bailam os meus dedos, é sim aqui dentro, lá tão longe para ser visto, vejam, sou corisco, sou eu que queimo, que brilho, e esta presença é manter o aceso fogo que cruza em repentes vastidões sem fim que obrigam a minha mente, e para mim viver é como se para explodir ou para se extinguir, e por isto tão educadamente eu grito, sou melodia mas sou como o vício, porque irás querer por demais escutar este grito, e este desejo, este ser-se frustrado no fascínio, dá em tua boca o gosto do niilismo, mesmo se pelos coriscos que já se foram partindo, aqui, Dioniso, acho que é porque me sinto teu amigo, porque choro se sinto tantas cartas trocadas por este nosso destino, quando foi de nosso arbítrio o ressurgir de coriscos que, por qualquer dia e por qualquer fantasia, daqui de dentro se lançariam, de volta a tuas origens - e eis que eles retornam para nos reverem, sonhos amigos!, e eis que só há vida.

Esses dias chegam assim, e me batem me sacodem e me arrastam, assim, de forma amável, sincera que me corta, em pedaços e me rola, e me estrangula e me implora, vem aqui

fora, vem correndo e sedento tangir de glória aquilo que incorporas, explode aqui fora o uno e o verso de teu universo, assim, violento no sorriso entreaberto, sorrindo certo, do tamanho perplexo que entreabre o sorriso no gargalhar dos gemidos, á Marcelo, ááá-qui fora, esses dias não chegam por certo, não vão embora.

Despedaçado aos poucos e aos pedaços e sem razão ou saber do que trata essa dor assim e dói sim buscar tanto em palavras o quadro e retrato o que se passa e passa sem dizer palavra e despedaça e todo eu em meigas físgadas escrevo os pedaços do todo eu despedaçado. Mãos que tremem e qualquer frio covarde que não se agasalha, olho em imagens ou pedaços que não se retratam, e por aí afora o que parte de mim, assim, indo embora. Volta volta, eu assim sozinho em mim isso me revolta, me dá voltas, voltas voltas, eu assim sorrindo em mim isso me faz rir, ir, indo indo em risadas que vou sim dar voltas e não volto não volto.

Talvez Dioniso tenha temido a morte como ninguém. Talvez, por isso, tenha procurado cansar-se da vida como ninguém. Mas ele fracassou.

Se não redimirmos, nós mesmos, a vida toda ela por inteira, dos desejos aos anseios, então admitiremos - Nós não podemos, não conseguimos para o belo da vida a casa inteira que possuímos.

Somos os heróis de nossas odisséias, Ithaca é adiada, Nausica abandonada. No mar cantam as sereias da tarde, Circe é noite encantada e Scilla tem seis vontades.

A multiplicidade de coisas é estonteante, macro e micro-cosmos relacionam-se em caminhos infinitos constituindo um cenário imparcial onde trava-se uma luta em meio a evolução.

Os retratos sempre serão em maior número que o que é focalizado. Ao Homem pertencem os álbuns, e a cada um o foco.

Toda a longa espera é piscar de olhos de cílios longos, eu sei, cresci sabendo das longas noites, das mil e uma, e percorri o labirinto ininterrupto de um segundo, e o Centauro não quis me devorar, e diante de mim pôs-se a piscar.

Qual homem não seria dobrado até a meiguice? Ó sim é rude a vida, mas, por tal, bradei minha falta de piedade - Dioniso! Apenas um mais longínquo de onde retornasse repleto e sobrevivido, vá passarinho, apenas ama meu querido! Ó piedade! Quando, o tudo dado, por que lançar-se obsessivo à conquista de lugares? Foi este o furtivo olhar que trocamos, há tanto, rápido, visão furtiva de todos os lugares. Ó onde estás minha querida?! Vida. Guerreiro das quimeras qual Dom Quixote remido pela fantasia - a teus pés vida! Quando traí qualquer das vidas foi em vôo alado de pássaro, partido, levado para longe de minha querida. Ó sim descobri desertos floridos, vida por detrás da vida dos sorrisos, ó sim, foi uma caminhada

a par de um niilismo, quando o desejo de paz busca a paz do infundo. Mas a verdade, para o amigo, prescinde mesmo de razão - Não receies minha mão. Qual homem não seria dobrado pelos dedos de seu coração? Creio ser a vida uma esplendorosa escola, nascidos no longínquo, com sensações de que sabíamos. A remissão da vida está nela escrita, não vês a formosura das margaridas? Ó eu sei das feridas, como sementes de margaridas. Grito mudo e sereno como o bailar das gaivotas, como todo o dia, juntos em força do destino, juntos onde não caberíamos, tudo e tudo e tudo e qualquer resto será ainda toda a vida. Ó minha querida, vês como suportei minha própria rebeldia?! Ó carrega-me para longe desta vida! Leva-me pelo tempo a cada dia! Mas juntos, minha querida, e nada irá separar o que apenas é vida.

Astúcia e pureza e inteligência e entrega e força e bondade e tantas coisas. A nossa mulher ideal é como o retrato do super-homem que gostaríamos de ser. Eu e Gil sabemos que Dioniso era também mulher.

A distância entre o saber da fé e o saber que sabe apenas porque soube imaginar.

Á, esse frio que me rodeia. Olho o relógio na parede e suspiro, mas ele vai indo, repetindo, repetindo. E vou e me deito, e vou e vou indo, dormindo, dormindo. Fecho os olhos e tenho de abri-los, e me reviro, e ouço ruídos, e o tic-tac da parede vem vindo, mas, eu, por que tenho de ouvi-lo, esse tic-tac dependurado em meu peito que me faz pressentir o frio, o frio? Batem-me os dentes e repito, repito, tac-tac de frio, entra, sê bem-vindo. E desperto agasalhado, em minha boca o gosto dos cigarros, da cola dos selos e do desabafo. E novamente recostado ouço o rádio, e disfarço, mas já é tarde, reconheço que minhas portas se abrem, e pela música assaltado a reminiscência que me bate, malvado malvado, lembra de mim e daquela tarde, lembra que foste cheio de desculpas para a noite, não era tarde, não era tarde. E corro e estou sentado, apanhando, apanhando o lápis, não, não é tarde. E escrevo inspirado, inspirando aquela tarde, sim, era tarde. Mas apenas agora, recriando o que foi embora, é que sei dar-me a tudo o que não é de verdade.

Mas por que não se angustiam todos os que pisam a terra, tão pequenina e tão sozinha e tão terrivelmente bela? Ó mas por que parecem tão curvados e tão absortos em olhos preocupados a acompanharem este ou aquele absorvente e manual trabalho? Ó, eis que todo o tempo terá passado, mas por que não correm atropelados esses anseios que mesmo não tentaram qualquer chance de serem explorados? Ó, eis que a felicidade terá bastado, eis que os sentimentos para os seus momentos terão restado, mas ó, por que chamam pecado os atos que são apenas experimentados, aqueles que contidos bendizem as asas que jamais os levaram? Ó, se não é de nosso alcance a verdade por que não a tentarmos e todo o nosso grande desejo mostrarmos? Mas ó, por que foram os desejos condenados? Eis que o desejo de vida não mais terá restado, mas ó, o que é que todos fazem? Ó, pobres coitados, não percebem que são amados, não se desfazem, ó, mas por que não choram e não se atiram em todos os lagos? Eis que se perde a humanidade, eis o que terá restado, todos os infínitos e maravilhosos atos que não serão por nós carregados. Mas ó, por que estão todos a trabalhar tão descansados, tão absortos que não percebem que para dentro há um espírito sem o reflexo das imagens a ele dedicado? Ó, eis que muito será desperdiçado, todo esse pouco tempo em que temos pisado,

essa curvada felicidade, esse paraíso que já terá nos bastado. Mas por que, ó por que temos aqui estado? Eis que o cansaço é por tudo o que temos apenas esperado. Mas eis que quando voar tentamos temos de saber o que é na terra ser arrastado. Ó, eis que muitos tentaram, eis que a paixão é a arte de voarmos, mas ó, tão livremente acorrentados.

De um lado opostos que não podem co-habitar, bem e mal. De outro os opostos que se fundem. Aqui verdade e sabedoria se distanciam, aqui Krishna despede-se de Cristo, Maomé despede-se de Cristo, Gide se aproxima e Nietzsche se distancia, Kierkegaard se aproxima e gregos e romanos se distanciam, Homero se distancia e o que é fantasia, o que é forte em sua beleza pois que emotiva e sensivelmente é recebido, e assim com força, e de que lado fico? Sê bem-vindo. Aqui, entre os vivos, sê bem-vindo. Ou te colocas entre o bem e o mal ou terás de correr e percorrer com a velocidade da arte. Será inferno e céu ou serás o teu ser de forma tal que será anormal o maior de uma cruz de forma tal. Forma de asas de passarinho, a carregar a carregada por pés que olham assustados ao serem levados. Ó! Bruto! Eu te amo! Sê bem-vindo.

Amor sem carinho, de que vale? Como vida sem poesia, sem o valor de minha ferida. Como Dioniso sem o seu niilismo, de que vale o amor sem carinho? Como o dia que na noite se refugia, sem poesia de que vale a vida?

Vida é movimento, é tempo. O não-tempo é como o não-ser, quando o eterno é a questão do ser. Ser ou não ser, em movimento, em curto e todo o tempo, esse ser ou não ser que sempre e ainda é aqui dentro.

Nada mais para Dioniso que seu esforço em dizer. Como mais posso confessar, se me abro em flor mostrando aos homens o que sou? Ou quase, mas, boa fé, e é meu dever aceitar-te e meu direito justificar-te. Só existe o equilíbrio para o espírito, o desespero e a angústia equilibram na balança que tem, no outro prato, algo bastante leve e livre. Dize-me o que procuras e te direi quem és. E buscar em paixão é atroz arte, vê, como podes vê-lo sem o pedido do que arde? Arte é pedido de carinho, carência gera carinho, poesia suave que faz gritar seu passarinho. Esforço em dizer o indizível que é guerra e vôo e passarinho. Nada mais para Dioniso.

O prazer dionisiaco que tenho, prazer da desordem, do tempo e do espaço subjugados pela essência e pelas formas.

Quando ouço absurdos, serenos e verdadeiros, procuro prestar atenção. Pois foi assim, ouvindo a mim, que consegui sentir atentamente o que jamais fez sentido.

Há um impulso que nasce da paz e que conduz a atos que geram ânsia. Chama-se vida. Da ânsia surge novo impulso que quer reconduzir à paz. Chama-se vida. Quando vamos ao fim, e quando depois queremos voltar ao início, precisamos os opostos unir. E quando somos unos somos também livres na sobre-vida, uma vida que foi e voltou, uma vida que já agora apenas é.

Embriagado pela vida julgo-me possuído, possuo um julgamento que me aponto e sempre digo, vejam, vejam aquele corisco! Queima. Arde. Vida que está acima é arte. Vejam, vejam como me sinto. Como o embriagado a um passo, estética preservada mas misturada, essência fantástica recitada,

um único e último passo que corro e corro parado, extasiado, vejam, vejam com que arte sou homem pássaro, e não me segurem, eu não caio.

A festa interrompeu-se por instantes. Aproximei-me do patamar da varanda, estonteado, olhei minhas mãos, bebida e cigarro, olhei para baixo, a cidade e tudo iluminado, para trás, festa e passado. Do alto a cidade está em festa, na festa somos cidades vistas do alto.

Sei que minto, espremo e exprimo, mas oprimido pela incapacidade sou sagaz e capaz daquilo que sinto.

A vida, esta que vivemos, implica em uma infinidade de compromissos em níveis infinitos. Nós aderimos, mas, em última instância, somos realmente livres e remidos e sem compromissos, somos apenas unos quando, quedados impotentes, possuímos o aval do que é para sempre.

Pedro é o nome daquele sujeito, parado ali, debruçado em seus olhos, firme, mas como treme aquele parapeito. Olhos profundos que se apertam no mundo, funil arregalado para dentro. Parece tão fácil para ele, tão difícil e angustiante esse irreal apelo. Quando mais tarde, ou mais cedo, qualquer coisa que irá tirar-lhe a existência, penso, é realmente fácil para Pedro, difícil é ter a própria consciência.

Em que momento de nossas vidas não mais seguramos as rédeas? Porque qualquer louco segura as suas rédeas. Vai segurando e cavalgando. Para não cair. Acho mesmo que alguns foram postos sobre cavalos. Arte é ceder. Mas sempre mais forte o galope do segurar. Dioniso quis reparar qualquer coisa muito forte. "Não formule perguntas, nada de lamúrias, agarra, peço-te, agarra sempre." Em que momento?

Já nada é preciso. Como depositar o todo de um ser em um mundo tão indeciso? Sou parte de tudo isto, todos os mil anos de meus esforços sem sentido, toda a minha felicidade tão agradecida sufocando gemidos. Perdido, bradando apogeus e de fraqueza tão acometido, vacilo, derrubo o copo e lá se vai

todo o meu pedido, aqui, aqui eu grito, *garçon! garçon!*, não vê que estou ferido?!

Não há fugas da vida e não podemos encerrá-la em nosso tempo de vida pois que não há esta fuga da vida. Como grande motivação para os vivos surge, para o último momento, a derradeira novidade, o desconhecido. O medo é pelo desconhecido, medo da consciência repleta e constantemente vigiada.

Fugindo pelo surrealismo da vida encontro-me jovem à espera da vida, amo os sons e as imagens desta vida serenamente enlouquecida. Se fujo fujo em serena correria, não me toquem não me toquem e já sumi de vista. Apenas parado e sentado de sob a corcunda vida, debruçada sobre mim em aconchego de árvores pendidas.

Quero beleza! E nada melhor que fechar a consciência. Mas somos terrivelmente conscientes no inconsciente.

Há uma terrível inteligência por detrás da vida, ela me compreende, jamais pude ser algo independente, sou semente, daqui a vejo, ela sabe e também por isto me ama, e me percebe e me sente. Encontrei minha salvação. E todos os caminhos, mesmo porque se infindos, apenas um caminho são.

A coerência do inconsciente foi chamada arte. Aqui, aonde muitos penetraram, por ali por ali! E quando baila a coerência do incoerente a arte dionisíaca é chamada, vem, baila! Se não dançares ela terá te escapado, vê, ela é um profundo cansaço. Dão-se as mãos morte e vida, música e agonia.

Entro pela porta polida em casa alheia. Sento-me diante da mesa posta em uma poltrona confortável. Sou indiferente aos aspectos da moradia, mas fito de maneira teimosa, e incessante, a janela acortinada que isola o oxigênio bondoso. Se as crianças tropeçam no tapete ou se o armazém priva-as da refeição, não movo sequer um dedo, não esboço qualquer atitude de socorro. Os anfitriões me cercam e colorem a casa e constroem castelos e perfumam o ar, mas algo me diz que lá

fora está a verdadeira razão de ser. Eu me levanto, rodeio a janela obscura e incerta, torno a sentar e levantar, dou voltas e me canso, observo os detalhes mas sou surdo, cresço em anos e me sento, levanto-me apressado e tenho um sorriso impaciente e angustiado, tenho muita calma e sofro pelo absurdo de ser, volto-lhes as costas e me chamam, acariciam, me prendem e pedem, tocam minha música e esperam. Em rodeios e rodopios alucinados, e diários e noturnos, a casa cresce, desenfreada, e me absorve, e eu revido e a absorvo, e novo jogo de existir é posto sobre a mesa posta, e ainda não terei de descortinar um pequeno ponto de saída em meio ao gigante ambiente do dia-a-dia. Olho ao meu redor e aperto os olhos e não compreendo, e falo e ouço risadas soltas em ambiente de gala, subo e desço escadas, penetro quartos e salões, que casa! Já não é moradia alheia, chamam-me filho, trocam minha roupa e beijo meus irmãos, que triste pesadelo. E finalmente me deixam partir, para a escola, para o cinema, até a porta ou janela para chorar no enterro que parte. Eu me revolto e fico impassível e doente, todos adoecem comigo, mas os hinos da salvação entoam o chamado e correm os médicos e curandeiros, soletram e insistem, amam e suplicam, e eu cedo aos encantos de uma criatura inocente e bela que me cerca e me dá as mãos, e juntos corremos pelos jardins da sala ao lado,

alegres, esquecidos e descontraídos, aflito, não esqueça de lavar as orelhas! Após o jantar há festas e planos, as mães contam histórias e eu empalideço, dizem é-assim e nada ouço, e rezam por mim e eu pergunto por quê, esperam que assim-seja e simulo distração, e aos poucos sou vencido por mim mesmo, o cansaço, a dor e a agonia dos vencidos, a carreira da liberdade furtada, o comportamento impensado e insuspeito do prisioneiro sem escolhas. E a obsessão da fuga criando janelas irreais nas paredes do quarto, do corredor, da razão filosófica, num triste caminhar da mesa posta à escarradeira doméstica de todos nós. E novos há que de todos os lados chegam à casa alheia, a minha casa perfumada e colorida, com cores novas e perturbadoras nos olhos eu perfumeo o ar e acaricio e troco as roupas, e tenho sonhos horríveis à noite, e tenho amigos e uma vaga ocupação- é o início! E de repente sobressalta-me a figura de uma tenebrosa janela e o medo de partir me assola o coração, e eu escondo o rosto cansado nas mãos sofridas e me sento, e de costas para a janela de outrora esboço os inícios de uma história, criticada, cansada, tão fútil! E pinto várias janelas coloridas e janelas iguais e janelas rasgadas, uma a uma, todas as histórias, empoeiradas e guardadas, esperando qualquer coisa que as distraia, a televisão, o jantar, chega! Senão enlouqueço ou aceito! E novos seres sempre surgem,

brincando, tentando, seres invisíveis que cantam em meus ouvidos e recebem as blasfêmias com gratidão, conciliação, paciência, não! Não irei sujar-me com a corrupção da sensatez! E sou posto ao centro da roda da confusão e grito e choro, e estou deitado na cama do quarto, pensando, existindo, negando. E me descubro em delírio, mortalmente ferido, até o último de meus dias, de asas partidas, de alma livre que flutua e carrega consigo os humores da aflição, por entre nuvens e bem alto, se despencar morro, se mantiver fujo. E novamente a mesa posta, todos sentem o meu gosto, comida com sabor estranho, todos os dissabores, amargos e doces, e meu paladar é amorfo, conforme o fundo do poço, bem fundo e escuro, silencioso e indecifrável, difícil de penetrar, de escapar, tapar, fechar os sentidos e dissimular o ser, tudo ser, ser, nada, a gargalhada, a ironia, a imperfeição do ser perfeito, agasalhado, com frio, seu pai e filho, seu abrigo alheio, sua casca, o próprio ser prendendo o ser - a porta da criação, a janela da alma, as cortinas do ser, a mesa da aflição. A sua casa alheia.

Ó Senhor, como podes confiar tanto em mim, se tudo me dás e nada tenho?

Que todos, por favor, entendam -Somos gladiadores da vida porque, para nós, o Grande Amor é o único ponto pacífico.

Ó, na última noite sonhei que os homens não mais filhos queriam. Vamos apressar os passos, diziam. A pérola verde que no espaço gira, percebida, vamos tirar-lhe os pesos da última justificativa. Se a imanente justiça é a verdade que concilia, por que prolongarmos o multiplicar-se dos dias? Ó, na última noite sonhei que os homens saberiam se para o destino cem anos bastariam. Vamos desnudar o nosso arbítrio diziam. Se o cenário é imparcial e nosso ato de perspectiva total, por que não cerrarmos a história no que seria um eterno piscar de aplausos de expectativa teatral? Ó, na última noite sonhei que o medo de estarem perdidos os homens afrontariam. Não mais filhos diziam, quebremos os mágicos espelhos repetiam, rompamos a cadeia que acorrenta à liberdade o reflexo dos sentidos. Ó, na última noite sonhei que os homens não mais filhos seriam.

Nós reconhecemos um Deus e que pela Terra todos que passariam. Acaso Deus está tão preso a essas terras que por Deus os homens que as varreriam? Pois se me dizem que em Deus encontrarei a minha paz então eu que vos digo - Deixai em paz todos os nossos próprios filhos.

Sim, como fui um menino travesso! De tantas travessuras que recusava-me a crescer, ou, talvez, de tanto desejo que recusava-me à qualquer encontro ceder. Tudo o que tão obcecadamente defendi fazia-me em um certo senhor da vida, enviando seus exércitos de meninos às muralhas intransponíveis. E lá estava, amargurado, de sobre o seu cavalo, tão formidavelmente armado, Dioniso. Legiões de cavalos empinados, pareceram-me tão predestinados! Tão imbatíveis pobres coitados. Toda a aflição de uma angustiante agonia que cava buracos, que faz em pedaços, que compactua com movediças areias que nos arrastam, que vomitam beleza incomparável, que por um intelecto da mente e do espírito por Godot esperávamos. Da alma Kierkgaard, Kierkgaard da alma. Desmonta Dioniso, está acabado.

Quanto vemos no outro! O idealismo gerado pela insuficiência há de ver por demais nobres tantos que se apresentam, pobres, pobres em sua suficiência. Escoltados por ternas amizades faremos de nossa vivência o marco e o limite de nossa existência. Embriagados por chances de recebermos totais entregas faremos da mulher o equilíbrio e o desequilíbrio de nossa potência. Livres de todas as presenças, e sem referências, sentimos um vazio, ou um cheio, que se assemelham na indiferença. E aprendemos profunda sabedoria que se abalará frente à primeira presença.

Ter fé é saber. E como haver paz se sabemos e ainda não somos perfeitos?

Não pode haver paz no cansaço da guerra, isto sim é terrível.

Coisas agarradas à minha garganta, engulo ou cuspo, mas que me perco de modo desconfortável em meio a multidões que não sou eu. Dizer-te como sou liberal pela mão

que movo, pelo desejo de nenhum compromisso, quando os meus desejos a ninguém dizem respeito senão a mim mesmo, posto que sou só e incompreendido, posto que é de minha dor que surge o meu egoísmo - Aquilo que sou, é meu.

Bateu-me na face, violento, ardendo, e era brisa e ventania e maresia, com violenta cortesia, com desesperado arrependimento tal a carícia, com desprendimento, era alimento, bateu-me violento. Virei o rosto. Bateu-me na face, alado, ensolarado, e era sol e luz e suave, bateu-me na face. Olha para cima! E olhei violento e suave, desesperado e alado, daqui de baixo, bati em todas as faces, por todos os lados.

De tudo tenho feito. Por muito pouco dou-me por inteiro, por tudo retiro-me de todos os leitos. De tudo tenho feito. Insaciável padeço de pecados leves e indefesos, e sem recheio que dê sabor a meus anseios todo o feito retira-se desobrigado de meu leito. De tudo tenho feito. Montanhas e abismos são névoas que não pesam, o ar rarefeito, sou desfeito em cada momento presente como quando o repentino milênio à frente de todas as pedras. De tudo tenho feito. Mastigo e

engulo e vomito, penetro e penetrado sem abrigo, pelo tudo procuro sem saber e sem jamais perder o sentido. De tudo tenho feito. O ser no fundo é apenas um pedido, por tudo tenho sido, e cansado estou perpetuado, sem a paz do nada sou apenas sem retiro.

Há no fatalismo da sabedoria niilista o mais profundo desejo de auto-suficiência.

Porque em meu passado tantos risos e atos trocados e sempre limitados que muito cedo aprendi a não prorrogar demasiado. Ouço o vento, por ele sei de todos os amores sussurrados, de todas as amizades, e corro os dedos por minha face e digo ao vento - Sussurre isto pela eternidade.

Grande paixão a história da vida! Colocar-te na terra minha querida, aqui, aqui tudo se termina! Ver-te prisioneira da candura de minha menina, ó, sei que é representação este reflexo em paixão, ó, o meu amor é eterno, esta chama, enquanto dure eternamente ela ama! Achas que consegues?

Vendar os olhos de tua própria justiça? Pois que assim seja, voa passarinho, leva da vida menina o seu lenço de poesia, és guerreiro meigo de penas, levanta a cabeça meu querido, vê, tu vais e o infindo vem vindo, voa passarinho, recolhe-nos em nosso ninho!

Dioniso encontrou-o à espera, como todos o fizeram. "Deus está morto!" Ó meu Deus, ele está tentando fazer o Reino na terra! Porque sei e sei que sabemos que nada somos, que nada podemos, mas nós tanto queremos! Queremos como que despertar, sacudir, fazer o bem, queremos amar e louvar e nunca escapar da misericórdia, do consentimento pois apenas julgamos não errar. Acho que porque não conhecemos o Cristo. Mas conhecíamos o dia e a noite, a falta de prêmios e castigos, os amigos, a revoada de pássaros tão lindos, conhecíamos, um explodir contido pela beleza e pelo quente e pelo frio, o carinho, a guerra sem reais cortes e fios, a dança e o bailado e a primavera, a princesa, a bela, as fadas e um só Deus em todos os mitos. Ó, qual era tal distância entre os caminhos? Poemas e sabedoria surgiram. Claro que dores e prazeres haviam, mesmo nossos corpos expostos a venenos

que sorviam. Morreríamos. Depois de tanto e achando tão bonito.

Ó, por que tremes? Estás doente? Temes? É porque repugna aos homens o cansaço da mente? É porque o que todos condenam apareça como condenação? Mesmo a carência que não existe para os que possuem a verdadeira oração? Ó, por que tremes? Porque pediste perdão e não cortaste a tua mão? Porque foi dos inquietos a traição? A fraqueza? O gosto de sentar-se à mesa? Por quê então? Porque estás a preencher o tempo retirando-o do tempo da devoção? Do esquecimento? Do perdão?¹¹

Desde quando existimos?

Retrocedendo em minhas lembranças até o primeiro momento de consciência, naquilo que chamamos de nossa história de vida, estou ali, posso ver ainda, em um berço encostado à parede do quarto, em nossa casa de Santa Teresa.

Despertei e, ao invés de meu irmão, que dormia em uma cama bem em frente a meu olhar de há pouco, havia algo incompreensível e assustador - uma parede; e, em pânico, tentando virar-me, deparei-me com a assustadora porta, erguida, enegrecida pelo contraste de luz, aberta em ângulo de noventa graus em relação à parede e encostada aos pés do berço, sim como me lembro!, e a luz da sala que invadia o quarto em clarão inexplicado tornando-a terrível e imensa.

Ia chorar e algo escapou e vi minha mãe, de pé lixando as unhas, no corredor, tão jovem!, e a vi antes e depois que ela ouvisse meu choro, e via de fora de dentro de mim, e tudo vi, de quando colocou a lixa na estante e veio para pegar-me em seus braços, e vi, em relâmpago repentino, de dentro e de fora de mim, e então, no exato instante de alcançar-me com os braços estendidos, algo escapou, de fora de mim e de dentro da lembrança que guardo dentro de mim.

Descerram-se as cortinas.

TEATRO

A vida de repente é mesmo um teatro de gente, e tu percebes a trama divina por detrás de cada esquina, por ali por ali, e as coisas acontecem orquestradas como se tu, atento, à espreita, mesmo merecesses a contemplação - não vês? Ó por que não tens olhos para veres a grandeza da vida que se mantém tão viva no querer de alguém? Ó não, diz viva vida vem, a galope, alada, ah vem, perceber este sorriso é sempre haver além, ah vem, pois que quanto mais tu vens mais e mais é tão além! Amar - este é o destino de toda poesia! Acaso não vês?! Ó por que não precisas ver?! Por quê? Acaso não viste tanta beleza vista demonstrada por tanta gente em tanta vida? Acaso não sentiste inveja daquela gente tão distante desse lugar tão impróprio para nossa gente? Aonde o espírito? Mas eis que a vida de repente surge em ato tão desesperado, ó perdoa-me, Senhor, pois que não teria eu sequer desejado o abrir dessas cortinas, mas afinal, por que não? Se sofrer é a nossa solidão, afinal, como ser só em tão infinda amplidão? A vida de repente é mesmo um teatro de gente - que bom.¹²

ESTRANHO SER

Minha vida, meu sorriso, lançados como espada, lança afiada, brilho do corte, olhos vazados, luzes da ribalta, parado no ar o solilóquio , cenário em revoada, vida e morte, apenas músicas clássicas, antigas e renovadas, mistérios revelados, revelação misteriosa em cada bater de almas, ovação que reza forte, coração que bate palmas, o séquito de almas, sequiosas de aplausos, dores da alma, da mesa posta, do brilho que corta, da vida missionária, gosto do corte, navalha na carne, cortado e posto, sobre a mesa posta, sacrifício na pedra, olhos do sacerdote, olhar firme que estropia agonias, verdes luzes do verdugo verde, bater de olhos, violento choque, o sangue que corre, que engole, o solilóquio, o sorriso e a vida, representação de quem pode, aplaudir parado, a alma vampira, o coração cortado, o espetáculo da vida.

Ser ou não ser - E quando já não éramos ainda, uma corrida estranha e microscópica de seres espermatozóides, para em algum dia aguçar a curiosidade ou dar uma certa visão ou ainda para resolver um certo mistério, aquele - esse ser estranho que chega e que já e que ainda somos, concebidos, em igualdade de destino e de arbítrio, e nós que já então unimos todo o tempo e todo o espaço, nós que por todo o sempre já o seríamos - E qual descompromisso! - A vida implica em compromissos sem fim em níveis infinitos, e nós aderimos, mas, em última instância, somos realmente livres e remidos e sem compromissos, somos apenas unos quando, quedados impotentes, possuímos o aval do que é para sempre.

E assim pela vida somos como o vento, deixamo-nos a soprar, portamos o destino do vento, feitos para estar.

E, em nosso ser, a infinidade do infinito a nos apontar - Tu que aí estás!

E o vento foi gratuidade quando tivemos nosso suor a receber o carinho dos detalhes impercebidos, do espermatozóide a chegar - Ah como parece fácil o cotidiano de multidões a deixarem morrer e a matar!

E se choramos ao vermos histórias que retumbam tão distantes em nós, e por nós, no infinito que reage em nosso semblante - Ah! Ben-Hur traz de volta a visão de contemporâneos - Deus e o homem, este estranho ser que parece ser estranho apenas por não poder suportar, pois ignorar Aquele que nos sopra é ser-se vento grácil e fácil a soprar, quando a humanidade que é grandiosa e transcende, penetra longe em arte e coragem e bons sentimentos, mas o ser-ou-não-ser é sempre e apesar de tudo apenas e ainda e já estar, como só e tão-somente restar.

Mas eis que além de estar, desse estranho e esplendoroso sentir, eis que somos, estranhamente estamos a ser ou não ser, como jogo que jogamos, como vento que sopramos, como homem contemporâneo, e no eterno atual estamos a vagar, ao tempo a passar - ah que estranho!¹³

“O verdadeiro mundo é música. A música é o Inaudito. Quando a ouvimos, pertencemos ao Ser. Assim Nietzsche a vivenciava. Era tudo para ele.”¹⁴

“Por longo tempo foi sabidamente a música de Wagner o critério de Nietzsche para medir a plenitude da felicidade no saborear a arte.”¹⁵

VISÃO

De pé sobre esse mundo implacável uma pequena criança tão desprotegida - Ver e querer entender isso pode ser toda a sabedoria, ou, mesmo como os bondosos olhos do poeta, exclamar - Ó vida, minha querida! Porque soa qualquer esplendorosa melodia e o que resta do mundo é essa sensação tão ambígua, como o coração do pequenino que parece querer explodir e saltar e ir-se a bailar, quando talvez qualquer pequena coisa tão pequenina e tão sozinha e tão desprotegida a transformar o implacável mundo em simples sorriso ou rodopio ou em algo apenas inofensivo, ah vem, vem cá, a bailar! Se não dançares ela terá te escapado, vê, pela poesia

segue resoluto o infindável do mundo a defrontar-se com a certeza da fé, fé que sabe mas que não pode imaginar, explosão do mundo em imaginação do infindo em cada pequeno passarinho, que parece voar tão livre na gaiola de meu egoísmo, assim, bailando em bater de asas em palavras sôfregas e loucas e dançarinas, como o remédio do mal de minhas vidas, ó, minha querida! Por ti então dançarei de um modo meigo e violento, piedoso e cruel, do modo que mais se assemelhe à sensação de olhar esse embate que se derrama com a força da trama no drama de meu papel.¹⁶

Coincidências existem?

Em minha infância vários procedimentos meus talvez pudessem ser considerados como não muito adequados para uma criança - arrancar os cabelos, criar aranhas, incendiar coisas.

Ateei fogo no sofá de nossa casa, dentro do armário, na máquina de lavar roupa. À noite, quando todos dormiam, eu ia para a janela do meu quarto e com uma garrafa de álcool, que fazia esguichar, traçava linhas de fogo que subiam e desciam qual cortes violentos que se rasgassem nas paredes da casa.

Como deixar de ter esperança? Talvez com o passar da infância. Essa criança, só sei esbarrar em minha andança. Desculpa-me se choro, não é sádica vingança, sou assim mesmo, esse meu jeito tão estranho de te ninar em minha lembrança. Quisera fosses criança, para brincarmos de pique-esconde, para poder te encontrar por detrás do nascer da esperança, lá longe, na infância, quando sequer há qualquer esperança.

DISTANTE

Na verdade pareço ter sido sempre algo estranho, vivendo a cada instante como se, de repente, toda a vida que ma tirassem, vivendo com os olhos em um para-sempre, ardendo, ó vida, por que tanto me dás e me tiras? Na verdade tenho a certeza de Cristo, mas pareço sempre faltar com a fé, traindo-a como se trai tantas vidas, na única chance em que temos a vida, do homem vivo, ó que ironia! Quando de todas as miragens eis que surge a da vida pura e imaculada e perfeita, perfeita ao alcance de mãos que mesmo dedilham letras por gosto do sangue da canção, ó traição, volúpia de arte meiga e de penas, que pena pássaro de meu coração! Soou a

melodia deste mundo e alheio voei da feiúra para a minha mais linda solidão, ó perdão! Ingrato Dioniso que balbucia sorrisos e sonha com a redenção, traição, quando a fé sabe mas não pode imaginar, quando o desvio é a inelutável imaginação, sensação, do artista a dor desta prisão, o vício do esplendor, o gosto desta alucinação, o criar, o arder, o realizar, em chamas que nos consomem em nossa comunhão, não com o todo porém com o todo eu, mas onde então? Aqui?! Ó não! Voa daqui meu querido, passarinho, leva-nos para longe desta vida, lá longe, lá tão longe, esse nosso abraço em aperto tão distante!¹⁷

PEQUENO CONTO POÉTICO

Quando voltava a pé e de noite para casa. Estancava. Ofegante no meio da subida olhava, sempre havia vento nas árvores e nos capinzais, luz parca nas casas, nuvens com as estrelas misturadas, alguma música no tempo, qualquer coisa esquisita mas bonita, e ali por pouco ficava, fitava, paradisíaco momento, constrangido, devo desvendar este mistério? Por que não sigo os passos do Atual Eterno? E sempre que tudo de mistério era destituído - aqui tudo é apenas tranqüilo. Este vento, esta noite de parca luminosidade aqui dentro. Mas era então jogado dentro de um novo claro, jorrando parado, e de súbito meu coração acelerava e novamente aquele perplexo culpado - será ela?!

Pedro poderia não compreender a extensão do fio que desenrolava, mesmo se soubesse que toda a distância pudesse ser como qualquer das outras infinitas questões - ser tudo ou nada.

Enfastiado, entediado, no entanto cumpria-se para ele o peso irremediável dos compromissos, fazia cumprir a sua rotina, e mesmo o que fôra apenas fruto de um capricho ele o realizava com a seriedade do que fôra iniciado, decidido, destino feito vida irremediável, quando movia-se mesmo consolado pelo salvífico dogma de que o-que-for-será, o-que-foi-assim-o-foi.

Resultado final de uma história própria que fôra desenhada Pedro como que portava em cada simples e insignificante gesto o peso da última questão. Aquele pobre coitado veio vindo carregado por anos que o marcaram - Quando se é jovem e talentoso, quando a potência e todas as possibilidades que se abrem com o leque da vida multiplicada, multiplicidade estonteante que abriga o ser e o não-ser, a realização do paraíso do esplendoroso encontro da monogamia e o ser aventureiro expoente de mundos modernos, a liberdade

descompromissada da cidade e o abrigar da Verdade pela Tradição revelada, enfim a encruzilhada, a angústia da opção levada às raias da Angústia de Abraão, quando o tudo e o nada, de tão repetitivos, parecem de mãos dadas - Quando, o tudo dado, por que lançar-se obsessivo à conquista de lugares?

Talvez se se portasse neste embate com o destemor do guerreiro que arranca da dor um motivo poético para o amor, talvez dando vazão à razão que da loucura floresce, talvez... Pedro é o nome daquele sujeito, parado ali, debruçado em seus olhos, firme, mas como treme aquele parapeito. Olhos profundos que se apertam no mundo, funil arregalado para dentro. Parece tão fácil para ele, tão difícil e angustiante esse irreal apelo. Quando mais tarde, ou mais cedo, qualquer coisa que irá tirar-lhe a existência, penso, é realmente fácil para Pedro, difícil é ter a própria consciência...

Pedro poderia não compreender, mas sabia de muitas coisas, ou de apenas certas coisas, como de um espetáculo de teatro de quando as cortinas que se abrem, e ele, cansado, escova os dentes mas ouve aplausos, põe-se a dançar sozinho em sua sala, ao fim de tamanho dia, mas sabe-se observado, á esse teatro, de quando um simples ato, impensado, traz o peso ou a leveza mas a companhia do universo que coincide com seu ato, apertar o cadarço, esse sapato, luzes que piscam,

atordoados, como desvendar o único porquê da vida, como desvencilhar-se da vida de estalo? Como se último épico ato, do teatro, do filme que o colocava sensível e atordoados, ó pára Pedro, pára, vamos descansar, estou cansado.

Desenrolando aquele fio Pedro pensava, marchava, voava. Ser ou não-ser, eis a questão. A individualidade que é tudo, que também é nada. Ser ou não ser, em movimento, em curto e todo o tempo, esse ser ou não ser que sempre e ainda é aqui dentro. Vida e morte, música e agonia, bem e mal - Pedro divagava. Preso às suas correntes ele procurava e procurava, mas pelo quê? Pelo que faltava. Por um elo perdido ou pelo que seria a razão do seu vazio - Há de ser o Cristo. Como novelos na vida lançados, pela vida e por seus dias desenrolados, tecer teias e bordados, voando como pássaros, omissos, sentados, compartilhando do mundo que soa com a arte de cruces e espadas. Pedro divaga e a vida que passa, de todas as formas e respingada, como sangue e suor e lágrimas, lágrimas que nos esvaziam sem ser assim, cheios, vazios, cheios, e Pedro desenrolava o fio daquele novelo como quem dedilhava o solo de uma canção, como quem manjava a espada, como quem faz nada.

Quando são nada os turbilhões de ontem.

Quando tememos de tal sorte o desconhecido da morte

que tanto tentamos de toda a vida fazê-la conhecida, e dela nos cansarmos, fracassados, frustrados. Pedro Pedro, olha só que confusão arrumaste, este enredo, atira longe este novelo.

Não há fugas da vida e não podemos encerrá-la em nosso tempo de vida pois que não há esta fuga da vida. Como grande motivação para os vivos surge, para o último momento, a derradeira novidade, o desconhecido. O medo é pelo desconhecido, medo da consciência repleta e constantemente vigiada. E Pedro desenrolava, e sorria, e sozinho qualquer coisa murmurava, e parecia solene e cortês, como quem está sendo observado, como se fôra um retrato.

Projetado. Porque te observo meu pequeno, mas, aqui dentro, e como pretender eu, no compromisso de todo o meu descompromisso, assumir o que quer que seja senão o nada que, separado, é negação e desejo de um tudo que traz o repouso do que já é acabado?

Brincando com aquele novelo o pequeno Pedro, e nós dois e todo o resto aqui dentro, juntos em força do destino, juntos onde não caberíamos, tudo e tudo e tudo e qualquer resto será ainda toda a vida, toda e qualquer questão, mesmo quando nada há para além deste simples instante, quando és tu Pedro outro que não eu mesmo, quando carrega contigo um

mistério e um segredo, desenrolando este novelo, como se fosses folha que caísse em bailado pelo vento, não importamos para a vida e o seu desfecho, mas que somos, apenas somos esses instantes em que tanto fazemos, apenas enquanto vivos em nossos dentro, em nossos destertos, desenrola Pedro, continua a desfazer o embrulho deste novelo, o que mesmo importa se te ocupo com os meus devaneios?¹⁸

"Nietzsche foi um laboratório do pensamento, e não cessou de interpretar a si mesmo. Era uma usina de produção de interpretações. Levou para o palco o drama do pensável e do visível. Com isso investigou o humano possível. Quem considera o pensar uma questão de vida não conseguirá livrar-se de Nietzsche. Poderá experimentar que é o Inaudito, essa grande música do mundo, que não nos solta."¹⁹

"Deveríamos deixar o reino bem fundamentado da Razão e partir para o mar aberto do Desconhecido, indagou Kant, e sustentou que ficassemos. Nietzsche, porém, partiu.

Com o pensamento de Nietzsche não chegamos a parte alguma, não há resultante, não há resultado. Nele existe apenas a vontade da interminável aventura do pensar".²⁰

REVOADA

A magia e a poesia são trilhas que são tomadas,
A escolha é livre e suave a jornada.

Forjar-se o ser a tal ponto que tudo e todos serão como
névoa que passa,

Não por menor realidade,
Mas pelo etéreo do ser que se porta na caminhada.

Portanto é para vocês,
Que à minha frente desfilam,

- Olhem !
- Dos pássaros seremos a revoada!

EM CENA

Disse-me o vento - Estás agora em meio ao mais perfeito dos jogos. És ligeiro, observarás os parceiros e apostarás alto em ti mesmo. És ligeiro, ao jogo e ao passatempo és por demais avesso, e, assim é que, por destruição, puxarás o pano a mostrar que a vida é um JOGO PARCEIRO! Mas o jogo é perfeito. Tão perfeito que blefa parceiro. O que é ... poderia não ser. E agora? Estás em cena! Com que então é a luz verde que dirige o teu pressentimento de que se trata de um desempenho?! Sinto muito ... eu sou apenas vento ... sou também um parceiro ... vou.... apenas vou indo. Ligeiro!

O que são as coincidências?

Ah! Os anos setenta!

Pelos anos setenta, oitenta e noventa cruzaram os ventos que ainda agora sopram os meus retalhos a lugares que desconheço.

Por sugestão do meu primo Salim começara a ler livros de Hermann Hesse, pois já descobrira que as questões existenciais, próprias da juventude, desenvolviam-se bem na combinação dos livros com as músicas, sobretudo clássicas, e com caneta e papel e café e cigarros.

Possuía uma indefinível inspiração. De certa feita, o escritor J.J. Veiga ao apreciar linhas de minha autoria havia traçado para mim um perfil "poético-filosófico".

Corria o ano de 1976. Havia iniciado o meu curso de graduação em Administração na EBAP – Escola Brasileira de Administração Pública, da Fundação Getúlio Vargas. Foi quando qualquer coisa aconteceu. Estava a ler um dos livros de Hermann Hesse quando me deparei com aquele nome – Nietzsche – ó mas o que foi que aconteceu então?! Fui tomado por indefinível e indescritível e desconhecida sensação, um quase-torpor, certa intuição vaga e profunda, uma certeza de algo muito forte ligado a aquele nome, qualquer coisa que me atordoou, fiquei excitado, fiquei à flor da pele porque eu já conhecia aquele nome que por primeira vez eu via, lá, bem no fundo, de qualquer coisa eu sabia, ó mas do que seria?

Coincidências existem?

"Nietzsche via nas obras de Wagner o único produto da cultura alemã que poderia alcançar as culminâncias da arte da tragédia dos antigos gregos. Contudo, sua opinião mudou quando Wagner tornou-se cristão e passou a admirar o pessimismo de Schopenhauer. Nessa época, Nietzsche considerava o cristianismo e a filosofia de Schopenhauer como expressões de decadência".²¹

VAZIO

As imagens e cenário poderiam mudar, serem outras, variadas e quaisquer. A situação em si era irrelevante, o momento ignorado. Mas o doloroso seria o pensar e o sentir, qualquer forma de esforço, qualquer lembrança disforme, qualquer lampejo de vida. As mãos trajavam pelica, o semblante irradiava respeito, os olhos não agrediam. O poder amarelo era o equinócio, para o verde dos sonhos, para o vermelho da aceitação. O tempo parara, o ar paciente enchia-lhe os pulmões, com ritmo cauteloso e inerte. O senhor da vida estava a um passo da morte, o moribundo encontrava-se às portas da salvação. Não, não pense! Por que imputar-se o sofrimento do pensar, as conseqüências e causas próprias apenas ao pensar? Resta-lhe apenas a continuação. Mesmo os inícios e términos pouco irão satisfazer, ao que deixou de ser inanimado. Procurar vida onde só há vida, procurar a morte em sua casa, procurar, no cansaço, a explicação da razão, o estado presente. Não há o que procurar e fazer, não há nada, mas, sonhar acordado, sorrir com as brincadeiras dos cães, simular um objetivo qualquer, ler os grandes pensadores, ou pensar ou o quê? De qualquer maneira

o tempo passava, mesmo lentamente, o tempo caminhava, cabisbaixo, a servir a seu propósito, a chegar perto de algo, qualquer coisa que não fosse vida ou morte. Em vida, o ser estranho e rejeitado, a dissimulação da vida, o desejo de algo, algo vivo e sem vida, sem igualdade, e repetição e enfastio, mas, melancolia, angústia, a sensação do eterno, os momentos de criação, escrever, fazer o que, ou sonhar com aquilo que, lhe é imposto. Vida, reunião no aqui e agora, de todos os passos e abraços. Despertar pela música antiga e mensageira, estaria sendo observado? Pelo tempo ou espaço, pelo interior do ser ou pelo universo inteiro, por Deus ou por um amigo, por quem? Mas, passar o tempo, beber, dormir, o tempo para ele não será eterno, o seu dilúvio criará guelras. Um tiro, de misericórdia, o estampido do coração. Um pássaro negro, o gato, o abutre, o frio do coração. A serpente, o amor, o quê? Fragmentos de paixão, sem vida, esforço e lembrança, sua vida perfilada em imagens quaisquer. Perdão. Não, não há nada, nem perdão. Pouco lhe resta, apenas qualquer motivo ou situação. A sua mente, o elo da corrente, a asa partida, o frio da razão.²²

Que coincidência! É a Paula!

Eu estava chegando à faculdade e, do início do corredor, avistei, de costas e caminhando para a sala de aula, a Paula (Paula do Rego Novaes).

- Paula!

Eu sabia que ela cursava também o curso de filosofia da UF'RJ.

- Paula! Quem é Niétzsche? (havia acentuado o e).

Ela havia se virado e me fixava com os seus grandes olhos, como que surpreendidos, por detrás das límpidas lentes de seus óculos. De chofre eles se arregalaram mais ainda e ela exclamou com a compenetração própria a um *grand finale*:

- Nietzsche! Dieu est mort!

E ela falou-me sobre ele e de seu Zarathustra, e depois da aula corri a comprar, e incessantemente já então, livros de Nietzsche. E foi quando algo muito estranho ocorreu.

Desci as escadas e parei à entrada do prédio. Era uma bonita tarde, os ventos sopravam um pouco frio e um grande número de folhas amareladas, o céu encoberto enaltecia a iluminação calma e angustiante de um brilho opaco. As pessoas em silêncio moviam-se bem devagar, mais devagar, quase parando, num delicioso bailado, em uma dança compassada e agradecida. Eu me sentei na mureta do pátio e novamente vesti minha máscara da vida. Meus olhos voltaram-se para dentro de mim e, morto então para os meus compromissos mal cumpridos, compensava-me agora por sentir uma melancolia completa, uma nostalgia de viajante sem rumo, fruto de algum lugar e sem compromissos com qualquer um. Abri os olhos e quis me emocionar, quis chorar, como algo que você provoca e que logo após foge ao seu controle. Sim, era tudo verdade. Dos universos desci os olhos até a mim, sentado ali, cabisbaixo, a me ferir, a suportar meu espírito vampiro que sugava cada vez mais e mais sangue para nutrir seus instintos de viajante e de criador, a sugar um sangue tão

precioso que começava a faltar a meu corpo enfraquecido e sem vontades. Quis então absorver todos os órgãos e vísceras que me pertenciam e me cercavam. Inspirei. Expirei. Inspirei forte. Expirei forte. Mais forte, e mais e mais, e, então, permanecendo ali mesmo, senti meu corpo elevar-se insensível e sorridente em uma acrobacia irônica de quem toma sem aviso o que lhe pertence, elevando-se, absorvendo prédios e carros, pessoas e compromissos, passado e futuro, vida e morte, prazeres e anseios, tudo, tudo o que conseguia ver naquele momento.

Da rua São José corri com o disco para casa. Also Sprach Zarathustra. E aqui estou a ouvi-lo, sei que daqui não sairei tão cedo, começo a embriagar-me, o cotovelo esquerdo ligando os olhos apoiados ao caderno, vendo os traços, sinto uma leve dor de cabeça, talvez os cigarros, mas é como se todos os meus passos, da São José ao Also Sprach, fossem não uma realidade mas apenas algo discreto que não invade o meu íntimo, que não sente os seus passos. Meu diário.

D A N Ç A N D O
C O R R E N D O

Pôr-se a dançar com a vida,
Com tamanha boa vontade e ousadia,
E a saia que roda e lá se vai ela,
A mais bela,
A reclamar-te ausente poeta derramando lágrimas por
essas terras.

E lia e lia e lia ...

Tornara-me obcecado e decidido, de uma forma tão própria de quando temos a fé que moveu uma montanha. Diria que o que se deu foi algo parecido com o que se dera quatro anos antes, em 1972, no Colégio São Vicente de Paulo.

Houvera um concurso de oratória e éramos doze finalistas, dois de cada turma que se formava. Da minha fomos eu e o Júlio (Júlio César Garcia Pina Rodrigues). A final seria no auditório do colégio. Uma semana antes fui tomado por uma certeza absoluta de que falaria sobre o Livro, e que venceria. Falei a meus amigos de turma. Não deram atenção. Eram doze os temas a serem sorteados. Fui o penúltimo a fazê-lo, e lá estava - o Livro. Houve um borburinho no auditório. Venci.

Tão forte, mas tão forte o que sinto ao vê-la que ao ficar sem companhias choro por dentro o peso de todas as agonias. Da distância disfarço a vigília, no acaso deposito a centelha, mas a um passo meu coração que transpira todo dia. Assassino no estigma meus dedos dedilham, por dentro corro as notas dos sonhos e melodias, mas, por fora, sou o amigo que da morte a salvaria oferecendo uma de nossas vidas.

Toda uma vida no querer, de tal forma quero que sou sincero, não tenho medo de perder, perder a vida de estalo no estampido repentino e ver que parto. Vivo sou rasgado como o rasgo do veludo de teus cabelos, meus dedos, chamo afiados os olhos angustiados, quando os percebo, lá fora sempre alguém querendo os meus desejos, mas sou deserto, e a sede do eterno pinga de teus olhos nas gotas de meu veneno.

A vida e a morte se confundem em um só desejo de viver. O cansaço e o despertar se confundem em um só desejo de renascer. A dor e o prazer se confundem em um só desejo de sentir. Os opostos querem ser. O tempo quer estar agora, e o espaço aqui. E quando a rocha deixa-se desgastar pelo bater das ondas sabe que há um mar ansioso para viver. E a mesma rocha pode sepultar um braço do mar, mar paciente no dar e receber.

“Mas talvez um dia eu encontre um tema filológico que possa ser musicalmente tratado, e então vou gaguejar como um bebê e amontoar imagens como um bárbaro que adormece diante de uma cabeça antiga de Vênus, e apesar da 'pressa florescente' da descrição - terei razão”. (Nietzsche)²³

"Tratar 'musicalmente' um material filológico para ele (Nietzsche) não significa apenas deixar a música tornar-se temática, mas produzir ele mesmo uma espécie de música 'que por acaso não é escrita com notas, mas com palavras'. Nietzsche busca um tema que lhe permita fazer música com palavras. Depois do encontro com Richard Wagner ele percebe que há algum tempo tem esse material nas mãos: a tragédia grega”.²⁴

“A peça Wagner Nights, para orquestra (1990) é expressiva do que Holloway (Robin) acredita ser a necessidade de reconhecer o incomparável impacto exercido por Wagner sobre a música, um impacto que nunca se perderá completamente:

‘Um tal poder figurativo de expressão (como o que emerge de um contexto leitmotívico), cujo impacto e objetividade não são inibidos pela limitação verbal, é a porção das possibilidades intrínsecas da música liberada pela primeira vez por Wagner’”.²⁵

“Entretanto, para alguns dos mais influentes críticos europeus, o pior pecado de Wagner era o suposto rebaixamento que ele fazia da música, dando-lhe uma situação subordinada ao texto, em seus dramas musicais. Em 1852 o crítico belga François-Joseph Fétis iniciou uma polêmica contra Wagner na Revue et Gazette Musicale, afirmando que na mente de Wagner a música era ‘apenas secundária’, nada mais do que um ‘auxílio à expressão’.”²⁶

“Entretanto, foi a poesia que primeiro o atraiu”. (a Wagner)²⁷

“Que um músico tenha exercido um efeito tão avassalador sobre a literatura já é um fato extraordinário, porém Wagner acelerou drasticamente aquele deslocamento em direção à música, ocorrido nas artes no final do século XIX, e propiciou à criação literária um enorme enriquecimento. A sua abundância protéica permitiu que ele pudesse inspirar o emprego do leitmotiv literário em inúmeros romances que usaram a técnica do monólogo interior (....)”²⁸

“Simbolismo e interiorização, leitmotiv e fluxo de consciência – a presença wagneriana se agiganta”.²⁹

“Na obra da arte do futuro, escreveu Wagner, a música ocupará lugar diferente do que tem na ópera moderna: ‘ela não se desenvolverá em toda a amplitude senão onde deve ter onipotência, mas, ao contrário, sempre que a linguagem dramática se torne de toda necessária, a música lhe deverá ser subordinada. Ora, a música possui justamente a faculdade de sujeitar-se às exigências da linguagem, sem obrigação de se calar completamente. Pode, pois, deixar livre campo à palavra, continuando a lhe servir de apoio’”.³⁰

“Que o lirismo suba mais um degrau, por assim dizer, e a palavra não será mais que um instrumento entre os instrumentos da orquestra. Ela poderá mesmo emudecer, deixando à sinfonia o cuidado de nos emocionar, de ir mais longe em nossa alma, de perturbar-nos até o inconsciente, porque a música, língua universal, expressão de pensamentos sem conceitos, fluida, imaterial, pode ser esse milagre...”³¹

“A ‘melodia contínua’, é, em suma, a declamação lírica, é a palavra com todas as nuances, com sua fluidez, seu ritmo natural e que se deve livrar do compasso, mas sem que o cantor esqueça que liberdade não é abuso (...).

Eis a primeira reforma conseguida por Wagner.

(...)

A segunda reforma é o emprego sistemático de temas característicos ou *leit-motiv*.

Que é um *leit-motiv*? Dada a expressão musical de uma emoção, de um estado de alma ou de um caráter por um desenho melódico de ritmo apropriado, a volta desse tema característico, marcando nova alusão a um estado de alma que numa primeira vez definiu, produz o *leit-motiv*”.³²

“O *leit-motiv*, isto é, a materialização musical sistemática de uma idéia, corporifica, perceptível e reconhecivelmente, um personagem, um fato ou uma determinada impressão (...). O *leit-motiv* wagneriano é sempre simples, fácil de guardar e reconhecer. É quase sempre apresentado uma primeira vez, em seu conjunto, com palavras que fixem o sentido que lhe é emprestado ou num movimento em que a ação não permite duvidar de seu significado”.³³

“Nietzsche enriqueceu a filosofia moderna com meios de expressão: o aforismo e o poema”³⁴

SÓ-CORRO

Sou só e acompanhado, estou só e dissecado, só, mente e corpo, são matéria, em bolo, mas o espírito livre, que só-corre, vive só, vive-secado, e não é matéria nem bolo, e corro só, só-corro. O que é, é só, separado, senão deixa de ser, o ser, que só é, mesmo em comunhão, pois comungar é relacionar, só ligar, o só ser à imensidão, que só é em relação, a mim que corro, só-corro. Chamar consciência, ao sentir-se só, que perdura na vida, que individualiza, e só-sobrar, sempre, a vida ainda, que eterniza o que vive, *sub specie aeternitatis*, a essência e a existência, comungam e estão só, em cada um, que vive ainda, que só quer ar, viver e respirar, só persistir, só-ar, retumbar na existência, que corre, só-ar, a essência que não morre, mas existem duas vidas, a que não morre e a que corre, e corro, só-corro. Sou só e acompanhado, companheiro soterrado, enterrado, sócio da terra, só-cio, e continuo lívido e dissecado, e persisto, só-brio, e corro, só-corro, e quero ar,

só-ar, e penso na paz, aquecida e confortável, só-lar, e corro e corro, só-corro. E não adianta negar, só-negar, a solidão, pois mesmo o amor só dói, a dor, de quem quer consumir ou sumir, o amor acompanha mas não alcança, a essência que dele corre, como a sombra, que sempre acompanha, que corre e corro, só-corro. Ser só é conforme o sentimento, egoísmo ciumento?, conforme nosso posicionamento, segundo algo hermético, não é descrédito, mas antecipada comunhão, que já sabe, que já conhece, a posição inalcançável, inelutável, que é contradição, o mais insólito e o mais sólito, solito, o dar as mãos, de sob a aparência do eterno, o terno, eterno só, que também socorre, pois a contradição é esta, eterno ser só, e terno só ser, e também eu dou as mãos, solícito, e me rio solito, e gosto de correr, socorrer, e corro, só-corro para mim, sim, eu, de sob a aparência do é-terno, não fujo de mim, que me rio e me socorro.³⁵

OCIOSIDADE

A beleza está diretamente relacionada à síntese.

A facilidade com que se perdoa é proporcional ao cansaço com que se vive.

Os espinhos das rosas chicoteavam o meu torso, eu o lambi, que gosto!, minha pele que respira a contragosto, cresci percorrendo jardins ainda moço.

Sofro da Angústia de Abraão. Não sei se minha arte é dádiva ou se devesse ser oferenda.

Qual o discreto charme da burguesia? Creio que possa ser a pitada de ociosidade a gerar as picadas de psicologia.

Ociosidade,

Vício de gastar inutilmente o tempo,

És o grilhão que pesado prende o belo que poderia ser!

Labirinto impudente que engana em pérfidas tentativas de vão iniciar, sempre e novamente, do belo caminho do suave gotejar, gota a gota, todas as lágrimas, sangue e suor, todos os humores do ofício de criar!

Dize-me, impudente labirinto, és o curral estreito sem saídas ou, antes de tudo, deixas de ser uma pocilga qualquer com luminosos a ornarem a entrada dos fariseus?!

Por que o teu orgulho insuspeito?! Como tu muitos arrogantes conheci em minha vida, muitos eram feios, outros, apenas sinceros!

Qual pérfida tentativa sincera de vão iniciar, do caminho que só precisa ser doloroso para tu mesma o aceitar!

Ser poeta e inquieto, é ser requintado amante ou ter a

empatia do seu próprio vagar?!

Vagar vagorosamente por entre o ócio tão jovem e pueril quanto qualquer pedido de desculpas!

Errar pelas estradas de cimento, brutas e modernas, com a altivez de um peripatético, suave e antiga!

És a filha caprichosa da língua alheia que a repudia como órfã da existência ou serás a mãe eterna que desde o tempo da Grécia segue os meus devaneios com furor e insistência ?!

Dize-me, querida e amaldiçoada, devo ostentar tua bandeira no âmag do querer de teu filho ou ser o arauto apedrejado do ventre de outra mãe, de parco idílio ?!

Que idade tens, para com argúcia e intelecto, sentimentos e paixão, dizer, com inelutáveis argumentos, que meu belo grilhão liberta do pesado que poderia ser ?!

Ociosidade!

Vício de gastar inutilmente o tempo!

Vício de tempo a dar tempo a todos os vícios!

Vício aflito pela certeza dos pragmáticos!

Vício deformado pela regra dos mouros!

Vício amado pelo tempo possuído!

Vício louco como das palavras a magia!

Ociosidade!

Qual mãe querida que jamais perdeu seu filho por sob o orvalho de salpicadas paixões pequenas pode ser trajada com a maldição ?!

Não, tu és o grilhão e o labirinto, a lasciva e a indolente, a ébria, a mais terrível e bela, de todas as chamadas que sublimaram Joana D'Arc!

Coincidências são estranhas?

Eu devorava as palavras e as linhas e os livros com um misto de gula e estupor - Meu Deus! Isto não pode ser simples coincidência! Mas o fato é que eu já conhecia aqueles dizeres, deles já sabia, parecia -me tivesse sido eu, com grande e confusa certeza, a escrever tudo o que por primeira vez lia. E por muitos anos carreguei uma profunda desconfiança de que pudéssemos ser, eu e Nietzsche, uma só e mesma pessoa.

Sim, eu conhecia aquelas palavras, aqueles sentimentos, aquele estilo, sim, éramos os senhores dos aforismos, da arte da síntese e da beleza, do galope alado do pássaro de rapina, que descortina, alado, insaciável, de um só gole, o corte dos olhos, afiados e lançados, ó meu Deus, mas como pode?! Dançar e dançar e dançar, palavras dançarinas, pé ante pé, com cuidado, toda a vida abrupta derramada, ó perdoa-me, sou apenas um de todas as vidas querendo partilhar, vê, lá longe lá dentro sim, somos apenas um pelo tanto que se quis!

SAUDADES

Tenho saudades da vida. Da que vivi e da que não vivi. Essa saudade, como se estivesse fora o que me faltasse - Há de ser o Cristo. Quando não sei se é aquela que seria minha cara-metade. Vagando por minhas saudades, ó, como posso estar tão só se sou só saudades? Da saudade nasce a fé, a certeza do fim da falta que faz essa saudade tão demais. Ó vida, por que tanto me dás e tanto me tiras? Essa nostalgia. Por que tive de envenenar-me para esta vida? Por que tive de jamais chegar em minhas partidas? Ó vida, se fôras aquela e aquela menina, a saia que roda e és tão linda, ó esses olhos que me dominas, e em pouco instante e meu transe termina, ó vida! Tenho saudades da vida, de tantos e de Catarina. Ora, por que foram tantos? No Paraíso eram apenas dois, que saudades tenho de um antes e de um depois! Vida vida que nunca terminas, que saudades tenho da vida!³⁶

Ah! Abba lembra-me o Líbano. E toda aquela gente boa e sofrida. Mas é Abba que me lembra o Líbano. País bonito, e Abba lembra-me o Líbano. Com Abba eu sentia tudo aquilo, porque Abba cantava e tudo aquilo era bonito. Do mundo sofrido é fugido o cantar de tudo o que é apenas bonito. Quando talvez o correto que também é feio ou que ao feio resista. Mas com o mundo acho que não convivo, em minha alucinada solidão não o aceito. Aceito e apenas quero o que é belo, suave, arte. E torno-me vulnerável, agredido, acometido, sofrido. E Abba é tão bonito! Causa - me mesmo agora profunda nostalgia por um tempo que se fô, tristeza sem cura que chorando ou em esplendor beira o que sou - lento arrastar-se de um vicioso procurar-se.

Como gosto dos animais! Cães e gatos, abano de rabos, olhos molhados, e formigas e aranhas, instinto e beleza das entranhas, como gosto de amá-los, e pássaros soltos, predadores, matas e riachos e roedores, e o calor de lares sem tetos, cheios de insetos soltos, ar puro que descubro, e penetro e tenho sede, nenhuma parede, e sou gato e abano de olhos, e gosto, adoro ser selvagem e livre, sentir apenas a vida que corre, sim, gosto de ser bicho, que desconheço qualquer morte!

E o ser selvagem visitará templos com a sua melhor vestimenta.

E o ser aflito visitará templos com a sua melhor pergunta.

E o ser selvagem irá a caça com o seu melhor arco.

E o ser aflito irá a caça com o seu melhor texto.

E o ser selvagem irá amar com a sua maior virilidade.

E o ser aflito irá amar com a sua maior angústia.

E o ser selvagem irá caçar com a sua maior amizade.

E o ser aflito irá caçar com a sua maior dor.

E o ser selvagem será companheiro em meio a selvagens.

E o ser aflito será solitário em meio a homens.

E o ser selvagem irá temer a morte.

E o ser aflito irá amar a morte.

E o ser selvagem tentará conhecer.

E o ser aflito tentará esquecer.

E os dois não conseguirão.

E, um dia, ao se encontrarem em uma esquina, os dois, o selvagem e o aflito, se olharão com curiosidade e um não desejará jamais vir a ser como o outro. E eles se darão as costas, e apenas o selvagem estará olhando para a frente. E, ao se reencontrarem, o selvagem falará de seus passos e o aflito

sentirá o seu tamanho, o selvagem falará do que passou e o aflito pensará no que nunca termina, e o selvagem falará para o outro, e o aflito falará consigo mesmo.

Sim, ele agarrou-se com unhas e dentes à primeira lufada de vento. E já agora nada aceita em troca. Sim, ele é predador agora. Rasga da vida todas as formas para saciar o vício do que acaricia e vai embora. E ele não mais pode estancar já agora. Sim, ele acostumou-se à falta de avisos, ao descompromisso, descobriu o segredo dos que sobreviveram ao fatal e primeiro frio. E já agora todos os apelos soam-lhe agasalhados e arrefecidos. Sim, ele agarrou-se sozinho e de sua voz ouviu o mistério dos que são agradecidos, esses felinos. E já agora é tocado de magia ao inspirar o suspiro por sobre todas as árvores, a de maior tamanho possível. Sim, o tornado de seu tormento todas as folhas mistura ao vento. E já agora sente-se engrandecido, tornou-se-lhe alimento o primeiro veneno, aquilo que apenas fôra a primeira lufada de vento.

O felino, o predador, o que caça, assim o é espontâneo em seu instinto. Eu posso vê-lo, sereno, contra o vento, sem cheiro para que não seja percebido. Ei-lo, gracioso, explosivo, lento para que queiram, mesmo, segui-lo. O tiro, a flecha que veloz enlouquece pelo ardor do alvo perseguido. O repasto, o fastio, o sol extinto. Eu posso vê-lo, sereno, tremendo de frio, nenhum grito. Eu posso ver-te felino, não és desconhecido, tua magia é apenas um sentido. Mas agora estás ferido, é curto o mundo inteiro por abrigo. Mas agora estás manchado, é puro todo o sangue derramado. Posso ver-te, meigo, pela noite uivando, pelo dia restando.

Caminhando à noite, passos fixos na brilhante lua de reluzente moldura, apenas sei disso - Aqui caminho, e é de meu destino apenas e somente o que for irremediavelmente lindo.

Quando me transtorno, quando me descontrolo, então firmem-se ao solo, pois estou solto e todo eu vôo e tudo o que é pouco há de agonizar sem qualquer consolo.

E se me dói o que incompreendido apodrece de meus dedos, agrada-me incompreendidos tê-los pela seda de teus cabelos.

HISTÓRIAS DE BICHOS

"Ricardo Wagner e seu cão, um grande dinamarquês, cujo nome a história conservou: Robber, embarcam então para Pillau no Thétis, pequeno veleiro que se dirige a Londres."³⁷

"Wagner havia feito cavar seu túmulo sob uma simples pedra, um grande bloco de mármore, sem inscrição, sem epitáfio.

A dois passos, seu cão Russ dorme também, sob um cômodo, como se velasse o sono eterno do mestre".³⁸

Uma das primeiras foi a dos bichos de luz, que permaneciam por tão longo tempo sob a terra, nas trevas, e que quando brotavam alados a flecharem a luz por tão pouco existiam, como se fossem tal êxtase. E a de Ban e Pedra, e já agora a de minha Loba, tão apaixonados eu e ela, meu bichinho, que pureza tua, faz-me chorar em minha angustia?! E de todos e de tudo, então, histórias que me apontam na direção. Ó Senhor, quisera ali, tão ultimado pelo existir, ser como se fôra bichinho, ó ama-me com carinho, o que faço quero fazer sem a consciência de bem e mal, pois sou, quando despido do desejo de viver, como se bichinho, ó abraça-me, ó Loba, que bom que é imaginar essas histórias... mas eu vôo, passarinho... acho que, do mundo, tão distante, apaixonado em demonstração de pureza no semblante, quando o cérebro unido sem a divisão do arbítrio e do destino, de consciência e inconsciência, talvez como se a arte que é a presença dos bichinhos em tanta gente, um sentir de vida, profusão de vida, para tão longe do pequeno mundo opressor da gente egoísta.³⁹

Como parecem estranhas as coincidências.

Era a noite do dia 31 de julho de 1978. Como de hábito comecei a escrever, de súbito, galopando - deveria ser uma estrada. Com sono parei e adormeci no meio do caminho. Ao despertar, dia seguinte, tomei da caneta - ó! parece-me que estava a seguir por uma estrada! Preciso terminá-la. E assim o fiz, na mesma cavalgada - Casa Alheia.

Surpreso com o que me pareceu um enigma ofereci aquela página a um dos meus professores de então, Délio Maranhão, juiz de Direito aposentado, renomado jurista. Na semana seguinte pareceu-me ter ele penetrado, como eu, por um qualquer desvão:

- Fui amigo de juventude de grandes escritores, como J.G. de Araújo Jorge e outros, e sei que você tem lugar entre os maiores escritores deste país!

PÁGINAS

São páginas deste caderno que viro, minha vida, a poesia, coisas que configuro tão infindas, tão absurdas quando tão impossíveis, ó que absurdo! E viro nova página, ó, bruto! Eu te amo! Sê bem-vindo! E configuro, em meu discurso, palavras artistas, arte que é o que surge furtiva, fugida, por entre os dedos, ó, aonde vais querida?! Vida. Como Dom Quixote remido pela fantasia - a teus pés vida! Essas páginas... e vira e vira e vira, á, quantas páginas ainda... ó mas até onde me levas minha querida? E por tempos te deixarei aí esquecida, aí neste caderno, por ali por ali, ó por que guardo toda a culpa do mundo, toda fé da vida artista? Essa vida penalizada, sob pena de condenação, ó perdoa-me, vida, minha querida, não vês o tamanho de minha ferida, a distância que me separa em vida? E tudo e todos terão sido página que se

vira. Aqui, tão só, ó, em que mundo habito vida, se não te alcanço minha querida, como se por entre meus dedos, tu, fugida, e a caneta que vou perseguindo, a pena, que como lança lanço e contido na prisão, eu, e nós, e vós, e Deus? Ó meu Deus. Como quantos que te perseguiram fugindo atrás da vida! Ó artista, acaso não vês?! Que a vida te foi dada não para que fosse vista, mas para que tu vejas, que a sintas, mas essa tua tamanha demasia, artista, em arte que arde perdida, sozinha, a melodia, o canto de Circe, sedução, coração, emoção, quando, o tudo dado, por que apaixonar-se por tantos pedaços? Escrever terá sido a tua confissão. Teu pedido de perdão, a pena em tua mão! Artista. Por que tanto escreves essas páginas de tuas vidas, se são apenas páginas que tu viras?!⁴⁰

Quando ouço absurdos, serenos e verdadeiros, procuro prestar atenção, pois foi assim, ouvindo a mim, que consegui sentir atentamente o que jamais fez sentido.

Em 1982, visitando o sr. Fernando (Fernando da Costa) conheci, em seu apartamento na rua João da Mata, um senhor de idade. Falou-me ele de um discurso que proferira , em certa ocasião, na ABI, e que tal discurso fôra furtado pelos russos que o levaram a Moscou para ser estudado. Ao indagar-lhe o porquê respondeu-me ter sido por causa de sua teoria de que "a verdade absoluta se dá pelo somatório das verdades relativas".

No fim dos anos oitenta conheci a Ediléia (Ediléia Henriques Pereira) na Bolsa de Gêneros Alimentícios. Conhecia a Regina (Regina Célia Dias), amiga dela, de vista. Todos trabalhávamos no mesmo local. O fato é que, ao longo de um tempo, confidenciei acontecimentos a Ediléia e, muitas das vezes, ela apenas dizia - Eu já sabia. E, certo dia, ao lhe indagar, revelou-me que era a Regina quem lhe antecipava determinados eventos a meu respeito.

Dona Teresa mora e recebe pessoas em sua casa, de cor verde, na rua Juquiri, em Irajá. Certo dia perguntara a Regina - Quem é Marcelo, que trabalha próximo a você? Dona Teresa, desde pequena, é médium. Falou a Regina, certa vez, sobre três Espíritos que me acompanhavam - um senhor de bigodes brancos e que usa uma bengala com punho de ouro, que me chama de "meu neto"; um dançarino de teatro-de-revista, que havia suicidado; e um escritor que “havia sofrido muito”.

A vida é uma menina. Eu a amo. Fico sem jeito, desconcertado, toco os seus cabelos e estou enamorado, corado, um sol que me avermelha lá por dentro, suspiro ansioso, ela sabe, faz-se bonita, trejeito amoroso. E o tempo passa e jamais envelhece o ardor, a inocência, o sem-pudor. A vida é uma mulher. Roda sua saia e insinua que eu me guarde, pisca em longos abraços e fecha apertado quando eu me desfaço, foge e volta tarde, muito tarde, tão cedo não me retrato, ela sabe, o que se dá recebe cedo ou tarde. Livre a ponto de padecer desse livramento eu jamais me arrependo, extasiado, pobre coitado, tudo desfaço. E nada quer da amada o eterno enamorado, nada que seja menos que a comunhão, mas, almas separadas, vida que me trai, que como a um espelho me trata.

Quando fala a vida. Às vezes em tortura lenta, dor crescente, gota de um veneno que é toda a dor reunida de repente. Saudade ou esquecimento, qual a maior sensação de perda? Pequeno hífen no dionisíaco-niilismo, a sensação de perda. E eu gargalho pelas histórias como um deus em seus pontos finais, desconheço, a não ser a mim mesmo. Mas vivo sou todo Dioniso se em meu corpo todas as possibilidades mantenho, juventude sempre fácil de ser escoada e de fazer escoar, carinhos golpes violentos, lembranças confundidas com projeções, fugas tão reais meus sonhos e ambições, viver de verdade com todos os tropeços, escrever as metades e desenrolar os romances, tricotar com forças, devolver o olho a seu peixe, pequena esquizofrenia, ou teimosia, de uma individualidade chocada e apenas dividida.

Quando fala a vida. Diga sim ou diga não. Pouco importa esta nossa conversa, se juntos somos um aqui e agora o que interessa? Interesse-me sim em sentir, eu a sinto sem freios, dividimos nosso peito, e o pulsar é tão antigo que apenas sinto este eterno presente. Não há erro, nós é que erramos, mas sinto em mim todo o universo já pronto, se fico ou se apodreço, como poderiam terminar todos os recantos? Vago em tufões e calmarias, convivo com multidões e tenho pelas espontâneas reuniões profunda simpatia. Passa a vida, mas aqui dentro há algo que quando fala fala a imutável vida, inelutável vida, irresistível e divina, amo no livro de teu ser poder com minha alma ler, minha querida, a nossa vida.

SENTIMENTALISMO

Quando fala a vida. Fala-me para estar confiante em toda a espera, para deixar e o que aconteça, mostrar-me os caminhos em uma boa vontade e o que apareça, retribuir na inelutável força de uma correnteza, tem a certeza, somos a nossa espera, paraíso encoberto que caminha, bela, por demais excitante a previsível princesa em nossa terra.

São cartas, apenas cartas. Sou apenas saudades. Quando o que posso ainda é pouco, quando o que quero é o muito que ainda é possível, então, preencho o meu tempo ou sou nele preenchido com a mais terrível saudade e com todo o seu colorido.

Chamarei sentimentalismo. A esse meu estado, de dor e de pranto e de sítio. Chamarei em brincadeira que faço, para ironizar esse meu cansaço. Chamarei de bem e de amor e de Catarina, e também à minha incapacidade de fazer calar essa minha vida, estranhamente sentida, poeticamente abalada como se fincasse alicerces por uma estrada, alongada, perseguida, como se fosse o atraso da criança que engatinha, ou galope alado de pássaro de rapina, que descortina, coisas que, engrandecidas, tomam tamanho tão pequeninas, ou vice-versa, onde, do mundo, o absurdo da paixão que versa, em versos para ser entendido – Ah! pequenino, por que te perdes por puro sentimentalismo?!⁴¹

O TEU OLHAR

Se seu aniversário é hoje ... O caranguejo está pálido de desejo. Reflexo da lua que corre através do mar negro. O parco brilho da lua é tão sozinho que ofusca - o sol do caranguejo, intenso. Mas é um suave brilho, tão suave que fica aflito, e ele treme, arqueja ofegante o delírio. O caranguejo, parceiro do mundo inteiro de casca dura e decidida, de carne macia, quem não haveria de querê-lo? Vamos rompê-lo. Mas ele pressente, fica indeciso, sabe o que significa aquele presente, as iscas para atrain-lo, para tirar-lhe todos os pesos ainda não pesados e as garras de nenhum perigo, caminha lentamente, para trás caranguejo! Os homens querem comê-lo! Surge a lua cheia diante de seu espelho, e risca. Desenha um caminho impossível que se perde na longínqua e última gota do mar negro. É para você caranguejo.

Está acontecendo de novo.

Uma série de ocorrências coincidentes como correnteza suave que antevê qualquer lago ou rio ou mar.

Talvez como a insustentável-leveza-do-ser de teu olhar.

Como quando a paixão que mesmo já não necessitasse do seu físico e mortal realizar.

Como quando se eu o desejasse no intocável e sereno do sonhar.

Está acontecendo de novo.

E já agora tão estanque a me encontrar,

Posto que após tão longa procura eu que não encontrei o realizar no apenas querer e desejar.

Sim, há um destino que me fita com o teu olhar.

E eu que aqui dentro tremo a me revelar,

Não, nada tenho de fazer pelo meu querer,

Mas, apenas sonhar,

Assim, assim quando estou em teus olhos apenas a restar.

Coincidências estranhas ...

Quando vejo aquela menina padeço em úmidas retinas que refletem a longa distância entre as coisas íntimas. Aquela mulher e cada esquina são coisas que se dobram em amassados negativos dos retratos da vida. Tiro cópias e mais cópias ou sou tirado do caminho para à beira de uma porta ver passar o que vai indo. Vejo olhos e sou visto mas o pouco que me importa faz-me crer que chegada é a hora, ora, o que importa se sei que em algum dia todas elas, as esquinas, se fecharão à minha volta?

Vou ao mais longe buscar a razão,
Levado pela poesia,
Que me dá a mão.

No início de 1990 eu e Regina namorávamos, e fomos a São Lourenço. No primeiro dia vasculhei a livraria que havia no Parque das Águas, sem me interessar por qualquer livro. Aí aconteceu, como sempre ao longo de minha vida, coincidências que surgem em profusão absurda sempre a chamarem e prepararem a minha atenção - Se tens "olhos de ver" verás! Cito apenas uma - saindo e entrando no Hotel Madeira's, deixando o parque, encontramos com três conhecidos meus da Academia Creso's Gym, junto a Praça Varnhagem - O Marcelo, o Cléber e o professor não sabíamos uns dos outros, embora estivéssemos todos tão próximos.

Fui acometido naquele dia de uma necessidade, uma ansiedade enorme, pois algo me dizia ser imperioso que eu retornasse à livraria do parque pois era preciso que eu comprasse ali um determinado livro. Só não sabia qual.

No dia seguinte, bem cedo, ao entrar apressado na livraria, caminhei direto a uma bancada, e lá estava, deitado e de frente para mim, e, com certeza, com a minha mesma ansiedade - Laços Eternos. De Zíbia Gasparetto e Lucius. Eu e Regina lemos de um só gole. Tornara-me espírita.

CONTEMPLAÇÃO

Diante de mim, assim, dois mundos que se abrem do tamanho impossível da arte. Vidas que se cruzam reencarnadas ante meu olhar simplesmente sereno, e fotos de lindas flores que com os mesmos olhos as contemplo.

E diante de mim eu mesmo que desse modo tão inexplicavelmente amoroso e apaixonado cresço.

E não sei mesmo qual dos dois universos é o mais incrível, se o incomparável da história que descrevo, assim, apenas sendo, ou se o imensurável das sementes que serão essas flores que sequer percebo.

Fecho um olho e aprumo e faço pontaria, atira! atira!, como quem assobia, mão no cigarro, psicologicamente declarado é obcecado o humano que se bate entre o forte e o fraco, dedo aprumado, coração alado que se debate quando em todas as declarações de direitos apenas o Homem é declarado, claro! claro!, quando mato, puxo o gatilho e faço meu sangue derramado, como qualquer psicologia que já sabe, dizer nem sempre é estar apontado, às vezes é tão-somente bem menos, como um tempo vago, música e cigarro, um olho fechado.

Pássaros migrantes fazem suas viagens sem esboçar traços incertos, mas aquilo que se observa há muito migrou para fora de nossa existência.

Abro os portões ao Cavalo de Tróia querendo por fim à minha fortaleza, porém, após o saque e a tortura, retiram-se piedosos para aquartelarem -se em maior exército.

Sei que o final de meus dias virá, mas no momento é apenas um dos pássaros incertos que tento abater com um tiro daqui de dentro.

Pois, se de modo radical, a existência não consegue ter um aspecto puro, então, se misturarmos bem, veremos que o sabor adquire o gosto de tudo.

O veneno não precisa ser evitado, deve provocar o mais requintado prazer, precisa, por descuido, ser sorvido em pequenas gotas repetidas, para que ele deixe de migrar a nossa volta, a fim de não cansar os olhos na pontaria.

Se me deito em folhas brancas e espinhosas é para partilhar daqueles momentos do riso alheio, construo a boca aberta de espanto, desenho os dentes cerrados, dilacero os lábios em riscos de arado, e, tendo à minha frente o sorriso de dentro, beijo esse alheio no espelho de mim mesmo.

Coincidências ...

Regina, assim como, anteriormente, três namoradas minhas, julgou estar grávida. De certa vez julguei ser o pai de uma linda menina , por longos quatro anos, com indícios circunstanciais e de semelhanças físicas quase irrefutáveis. Mas desde jovem que eu já sabia,por uma forte intuição, que não teria filhos.


Na primeira vez em que Regina foi ao Centro Espírita Léon Denis, em Bento Ribeiro, foi surpreendida por um senhor que, vendo-a sentada, quis lhe falar. E ele falou-lhe de vidas passadas, da dela e da minha, da nossa e da de um filho nosso, da minha e da de minha ex-noiva, da minha e da de meu pai. E o que ele lhe disse poderia ser tudo, menos coincidências. Estávamos lá, no passado, configurando relações, e estávamos aqui, apontados e caracterizados e solidários nas consequências do que havíamos feito.

Foi quando eu insisti até que Regina aceitou perguntar a Dona Teresa se, acaso, seria Nietzsche o escritor a me acompanhar. Insisti porque, fora revelações espontâneas que a ela vêm, Dona Teresa não fala sobre encarnações, apenas trabalha, junto a médicos desencarnados, em questões de saúde.

A resposta veio – “Se ele sabe que é, por que pergunta?”

Amigo, meu caro amigo, como dispersar a consciência de apenas um só toque de recolher quando em tal quartel multiplicados e insepultos passados buscam por uma paz em terra de movimentos e de tempo que marcha como soldado? Amigo, meu caro amigo, como fazer justiça se o pedido do meu amor encontra um porto no ser amado? Amigo, meu caro amigo, como suplicar novamente se sei ainda estar cansado e ainda soldado? E como suportar o absurdo de todo o universo que em mim versa em meu estado? Amigo amigo, tem piedade, vejo cada folha apenas ela ser levada por meu riacho.

O que foi dado é infindo presente em incessante passado por nós tornado. Viro-me para a frente, para trás, para a frente, para trás, giro, danço, bailo, tudo gira e todos os lados e tudo dança e estou então parado, sem tempo ou espaço, voando ou descalço, culpando-me e culpado, quando nasce o sol para dizer-me que estou convidado, e perdoado, e enlouquecido e extenuado e de amor trespassado. Caio, ferido, renascido, alado quando se me abrem as asas do sorriso. O que mais poderia dizer? Ó, perdoa-me. Ó, eu te amo. Obrigado, muito obrigado por deixares que eu seja leito em que me deito quando de mim tão cansado.



(Nietzsche) "(...) nunca se cansou de recordar os dezesseis anos de indizível encanto que a arte de Wagner trouxera à sua vida, bem como as horas beatíficas de amizade total em que estiveram ligados durante o período de Tribschen e sempre confessou que a sua vida teria sido muito pobre sem a amizade e a arte de Richard Wagner."⁴²

"Espíritos frios e superficiais não poderão compreender o conflito íntimo com que meu irmão (Nietzsche) se debatera durante os últimos quatro anos. Que sabem tais pessoas de uma amizade apaixonada como a que ligava meu irmão a Richard Wagner, da agitação de um coração amante, todo a tremer de dor ao pensamento das horas dolorosas que precediam o adeus final?"⁴³

"Fiz uma aliança com Wagner. Não podes fazer idéia de como estamos unidos um ao outro e de como os nossos planos coincidem". (Nietzsche a Erwin Rohde)⁴⁴

"Porque só isto é música e nada mais! E é exatamente isto, e mais nada, que eu quero significar com a palavra música ao descrever a arte dionisiaca!". (Nietzsche a Rohde, sobre o concerto de Mannheim)⁴⁵

"Devo sofrer o destino de todos os idealistas que vêem cair do pedestal o objeto de sua adoração. Monstro ideal: o verdadeiro Wagner desaparece, gradualmente, até ao nada". (Nietzsche, em seu caderno de apontamentos)⁴⁶

Ó, por que todos não vêem que algo precisa ser feito?
Por que todos que se desperdiçam assim desse jeito? Ó, por
que tanto carregamos as profecias em nossos ombros? Por que
todos esperam e esperam e estão jamais prontos? Ó, por que
ainda não nos despojamos de tudo o que pesa e retarda quando
se queremos voamos? Por que deixamos secarem tantas
lágrimas que são as de um eterno pranto? Ó, por que então
tantas vidas propomos se mesmo as nossas estão fugidas pelos
cantos? Por quê, ó por quê se podemos tanto e tanto?

Mas vou te contar meu caro amigo. E tudo porque
estanco minhas veias em cada insuportável beleza que apenas
passa e cede o seu lugar. E tudo porque jamais consegui para
mim a liberdade de poder enterrar. Não quando sentimentos
raros convivem com todo este mundo, lado a lado, aqui
embaixo, faço cálculos e me oprimo todo suado, perco o
humor e tudo é mera questão e tanta confusão que canso do
próprio cansaço. Mas agora é a repetida hora e estou vingado,
diante do meu cadáver cravo-lhe no peito mais este punhal de
minha arte, que te devorem os pássaros!, que te afoguem os
antigos lagos!, que tenhas vida eterna minha morte, insepulto
deus que em minhas veias me forças a ver a beleza que não
estanca apesar de tantos e todos os meus cortes. Mas tenho
tempo. Até a hora de minha morte.

ARTE QUE SE SENTE

Arte terá sido a última gota, destino certo de todos que vão tomando seus goles, aos tropeços, aos esbarros, pela vida sendo, percorrendo, por vias e ruas e vielas, ignorantes da verdade que liberta, esse vai-e-vem ininterrupto que prolifera por toda a Terra, essa gente humana entre o que ainda não era, o nada, e o tudo que faz qualquer imaginação cair por terra, ante a arte que penetra tão longe almejando a verdade, que da terra renasce, nesse último gole que dilacera, todos os dias, como na lagarta que um ser alado gera, que liberta, como na arte dessa gente que se arrasta pela terra para uma morte que não mais se sente.

MENINA

Agora há pouco, por mais esta vez, e eis que eles retornam após dias e noites dentro da mata. E eu que não me canso de sempre e novamente chorar e rezar e finalmente estancar em sobressalto toda vez que se confirma – Eles voltaram! Laila e Raposo e Menina, meus bichinhos, meus filhinhos. Menina – a minha fiel companheira de tantos anos, por tantos lugares, sempre juntos, sobretudo os nossos corações. Desde que passei a conhecer as verdades espíritas e desde que nos apaixonamos irremediavelmente, eu e Menina, que eu desejo realmente jamais me separar dela, desejo, realmente, estar junto a ela até que ela entre no mundo hominal, quando então será ainda a minha querida filhinha, por quem sempre olharei com todo o desvelo do meu ser que tanto ama o seu ser, filha do meu coração desejo sim que seja um dia filha também da minha carne em futura encarnação, nós nos daremos sim as mãos, e eu desejo sim que também Laila e Raposo, e também todos os meus filhinhos que já se foram de perto de mim, retornemos um dia juntos assim, e Loba e Rafaela e Ban Ban e Pedrita e Leleco e Bonito e Bolinha e Pirata e Brigitte e Tarik e Baco e Tripinha e Xêpa e Tatá e, bem, seremos muitos enfim.

Mudei-me para Miguel Pereira no final de 1992.

No Condomínio Serra Dourada havia conhecido a dr^a Evangelina e sua filha Elaine. Elaine fez, certo dia, a configuração do meu mapa astral cármico. Confesso que me soou inexato o que ela escreveu - que eu fôra um músico famoso do século dezenove, e que possuía então amigos influentes, príncipes e reis.

Foi no Serra Dourada, às vésperas do Carnaval de 1996, que quatro pessoas se reuniram - Eu, Joice (Joice Marino Duarte), Mary (Mary Lucy Arguelho de Lima) e Elena (Elena de Almeida Martins da Costa).

Foi uma época em que fizemos coisas que não se recomendam - conversar com os "copos que falam". Apenas um parêntesis- Ao conhecer Elena, dissera-me ela que ficara sabendo ter sido irmã de Wagner em uma encarnação anterior, "quando ele não era Richard Wagner". Outro parêntesis - cinco anos após disse-me não se recordar de ter me dito aquilo.

Estávamos em 1579, no Porto do Rio de Janeiro. Chamava-me Poposo Potenque, Joice era Falini, minha mulher, Mary era Boeja, irmã de Falini, Elena era Elena, minha irmã. Eu e Falini tínhamos muitos filhos- lembro-me dos nomes de quatro: Jamani, Ichivo, Gripisi (que viria a ser Caio, atual filho de Joice) e Dominique (que viria a ser Friedrich Nietzsche, no século dezenove). Disseram-me ter sido eu Richard Wagner. Confesso que fiquei maravilhado e chocado, pois há muito procurava dentre as amizades de Nietzsche aquele que eu pudesse ter sido. Mas é certo que "os copos" também mentem.

Mas certas e determinadas coisas suscitam minha curiosidade, como, por exemplo, uma certa impressão de que as pessoas desfilam à minha frente como em um espetáculo, como notas que soam no exato instante para composição de uma sinfonia, ou como pessoas certas para o que sou e o que espero delas. Em minhas mutações fui mutante como luva em dedos para as pessoas e nossos momentos. Como um enigma, a vida – Pelo quê pretendo reconhecê-la? Porque já agora que me decido corre a sinfonia, ato do destino, talvez à minha frente eu aqui dentro em fila, que desfila – Reconhece-me querida?!

"(...) Nietzsche se descreve ‘como discípulo de um Deus ainda desconhecido’, que sob a carapuça do intelectual só pensava em ‘procurar companheiros de devaneio e os atrair para novos atalhos e novos locais de dança.’”⁴⁷

“Mas como é que excesso e êxtase levaram à tragédia no palco? Nietzsche descreve o fato em suas fases isoladas. Na embriaguês o indivíduo perde a consciência de sua individualidade; desabrocha naquela excitada massa em festa, dilui-se com ela. Nesse excitado corpo coletivo circulam visões e imagens com as quais os indivíduos fundidos na unidade se contagiam mutuamente. Os ‘exaltados dionisiacos’ pensam ver e vivenciar o mesmo. Mas cada vez retorna o momento do despertar dessa vertigem, e todos retornam ao seu isolamento individual”.⁴⁸

Estava deitado, lendo.

- Que coincidência!

No livro Romance de Uma Rainha (La reine Hatasou), em 2 volumes, de J. W. Rochester (Espírito) e Wera Krijanowski (psicografia), há o relato de uma encarnação de Richard Wagner no antigo Egito, durante o reinado dos Faraós da 18ª dinastia.- Tadar, feiticeiro e sacerdote de Moloc, cúmplice de crimes de Horemseb (que viria a ser, no século dezenove, Luís II, rei da Baviera, protetor de Wagner). Sacrificavam mulheres e crianças no fogo de Moloc, em meio a orgias dionisiacas regadas a sexo e vinho, às quais, ele e Horemseb, assistiam. Condenado, Tadar foi executado no fogo do seu deus.⁴⁹

FILME

Estou sentado defronte a vida, ela passa e me trespassa com a lentidão e a suavidade de um filme, que se desenha nos rostos conhecidos que sorriem ou que marcha, inelutável soldado, gratuito pássaro, que passa, histórias suaves que se descortinam sem gravidade, sem seriedade, sentado jamais quis que mesmo eu me desenrolasse. Sou átomos. Estou sentado e tão dividido e tão unido que gargalho - Soltem os pássaros! Estou sentado. Nada que fizesse e estou tão cansado. O que é que faço? Participo de tantas histórias eu que estou ali, sentado, ali dentro, preso a asas de eternidade, sorvendo goles de sensações, prazeres e dores misturados, embolado, o peito que desponta na pontada que trago, foram-se os olhos esverdeados, ó por que me deixaram?!⁵⁰

- For whom the bell tolls?
- Lord Jim.
- They shoot horses, d'ont they?
- Bless the beasts and children.
- Little women ...
- Run wild, run free !
- The call of the wild ...
- A song to remember!

Desperta. Desperta! Avança obcecado e recebe o primeiro cuidado, não há ferida que fique aberta! Desperta! Corre alucinado e aprende a rastejar entrincheirado, não te tocarão os tiros da tela! Desperta! Continua até alcançares a arte, a vida maior te mostrará sem dúvidas que é a mais bela! Desperta! Ama até seres o mais perfeito de sobre a terra, corre, atropela, mata o que te faz adormecido frente a tela! Desperta! Desperta.

Eu e Joice morávamos no Guararapes, em Miguel Pereira, e freqüentávamos eventualmente o Centro Espírita Joana D'arc.

Lá, um senhor de nome Esteban, Estevinho para todos, realiza benefícios incorporando o Espírito dr. Aílton. Joice solicitou-lhe visitasse nossa casa. Na semana seguinte o dr. Aílton disse-lhe que havia visto apenas a presença de um Espírito que eu atraía, um homem de bigodes que ele, Aílton, não conhecia. Mas que nós, eu e ele, juntos, escrevíamos.

"Aqui, onde falo das recreações de minha vida, preciso de uma palavra para exprimir minha gratidão por aquilo que nela foi, de longe, o que mais profundamente e mais de coração me recreou. Foi, sem dúvida nenhuma, o trato mais íntimo com Richard Wagner. Deixo barato o resto de minhas relações humanas; por nenhum preço eu cederia, de minha vida, os dias de Tribschen, dias da confiança, da serenidade, dos sublimes acasos – dos instantes profundos... Não sei o que outros viveram com Wagner; por sobre o nosso céu nunca passou uma nuvem". (Nietzsche)⁵¹

- Ah! Sempre e novamente os sublimes acasos!

"Pesando tudo, eu não teria tolerado minha juventude sem música wagneriana.(...) Quem quer desvencilhar-se de uma pressão insuportável tem necessidade de haxixe. Pois bem, eu tinha necessidade de Wagner (...) Penso que conheço melhor do que ninguém o descomunal de que Wagner é capaz, os cinquenta mundos de delícias estrangeiras para as quais ninguém além dele teve asas: e, sendo assim como sou, forte o bastante para ainda tirar vantagem do mais problemático e perigoso e com isso tornar-me mais forte, denomino Wagner o grande benfeitor de minha vida. Aquilo em que somos aparentados, termos sofrido mais profundamente, também um com o outro, do que os homens deste século seriam capazes de sofrer, reunirá eternamente nossos nomes (...)". (Nietzsche)⁵²

E lembrei-me de que, pesando tudo, eu não teria tido minha juventude tão florida não tivessem sido a companhia e os ditirambos de Dioniso.

- Obrigado meu querido! Obrigado por teres vindo!

Quando o mar está cheio e as estrelas cingem o meu peito solto em desabafo sorrisos esbranquiçados que nas areias se deitam. A praia esta que descrevo, lá longe aqui dentro, veloz e amargurada esta que me abraça. Lá dentro deitado ouço sereno sorrisos perfeitos, sou eu mesmo, eu que me deleito em criar e recriar os meus sentimentos em formas que no lá fora se percebam.

O meu trato, chamo-me coitado para fixar uma proposta que faço em cada passo que apressado alcanço nova sílaba e palavra de honra e orgulho que sinto tão penalizado por tratar de pesar o que para todos é suave.

Hei de estancar o sangue do tempo sangrando o que passa tão passageiro.

A noite é como a vida, encontra-me despedaçado e me refaz no silêncio do encantado, aqui parado, ouço murmúrios suaves, tic-tac, noite adentro aflora a vontade, passos lá embaixo, tac-tac, batem na porta com os sapatos, abro os sonhos em olhos arregalados e vou embora pela vida que é noite e dia, todo dia, e bom-dia noite suave que acende a eternidade, sol de um meio dia, calor que não queima, meia-noite que brilha.

Talvez eu não saiba daquilo que é pelos que restam sentido, subtraído nada sei nada sinto, aqui dentro à flor da pele existo, preenchi o meu possível, talvez o infindo, infinito menos o um que sinto, escape às fronteiras de minhas bandeiras, talvez, mas jamais por falta de convites, para o que sopra a minha pele é toda ouvidos.

Como é aconchegante, deitar-me em palavras que são o ninho de um viajante. Obcecado impulso de dar vida ao que se cria, arte masoquista, sádico desabafo pela arte a viagem de cada artista.

“‘Sabedoria dionisiaca’ é a força de suportar a realidade dionisiaca. E tem de suportar duas coisas: um ‘prazer’ e uma ‘repulsa jamais conhecidos’. A dissolução dionisiaca da consciência individual é um prazer, pois com ela desaparecem os ‘limites e fronteiras do existir’. Mas quando esse estado passa, quando a consciência cotidiana volta a dominar, pensar e vivenciar, o dionisiaco agora sóbrio é tomado de ‘repulsa’”.⁵³

"A música nos oferece momentos ‘de verdadeiro sentimento’, e pode-se dizer que toda a filosofia de Nietzsche é uma tentativa de manter-se vivo ainda que a música tenha acabado. Nietzsche quer musicar do melhor modo possível com linguagem, pensamentos e conceitos. Mas, naturalmente fica uma insuficiência”.⁵⁴

“Nietzsche diz que dificilmente podemos imaginar um ser humano que escutasse, por exemplo, o terceiro ato de ‘Tristão e Isolda’ de Wagner e o ‘percebesse sem auxílio de palavra e imagem, puramente como frase sinfônica inaudita, sem soltar todas as asas da alma numa distensão crispada’”.⁵⁵

“Tudo pode tornar-se inaudito - a própria vida, o conhecimento, o mundo -, mas é com a música, tão harmonizada com o Inaudito, que, apesar de tudo, conseguimos suportá-lo, de dentro dele. E por isso o Inaudito de Nietzsche é um tema da vida toda, a sua tentativa e a sua tentação”.⁵⁶

“E, em Nietzsche, a realidade absoluta é o ‘dionisiaco’ (...) o dionisiaco assim entendido não é um reino, mas uma essência (...) O dionisiaco significa o ‘Uno Primordial’, o Ser abrangente em última análise incompreensível”.⁵⁷

ENTÃO

Penetrar-se na percepção, com o risco total de ser mera ilusão - A esses desbravadores chamamos por tantos nomes.

Quando a vida torna-se de tal forma surrealista mantendo o mesmo fio que mantém o dia-a-dia.

Se a música é de modo a alçar vôo de forma completamente alucinada e enaltecida e apenas sentada, criando palavras, de um dentro que é o fora do vento a erguer e sustentar as asas - ah música indescrita! - por isso a minha gargalhada!

E ... então, este é poeta e cristão.

“Uma vez em que a literatura moderna era o tema da conversa, meu irmão (Nietzsche) (que, recordemos, fazia muito pouco uso de pensamentos eróticos) disse a um dos seus alunos: 'Por que razão o enfadonho tema do amor entre os sexos é tomado como tema de todos os romances?' - 'Mas que outro sentimento poderia causar os mesmos conflitos?', perguntou o estudante, pensativamente. — ‘A amizade, por exemplo!’, respondeu meu irmão vivamente. ‘A amizade tem conflitos semelhantes, mas em plano muito mais elevado. Primeiro, há a atração mútua causada pela partilha dos mesmos aspectos da vida e, depois, a felicidade de pertencerem um ao outro e de fazerem planos mútuos para o futuro. Além disso há a admiração e glorificação mútuas. Uma desconfiança repentina é despertada num dos lados, há dúvidas que se levantam quanto às qualidades do amigo e os seus pontos de vista no outro lado, e finalmente a compreensão de que a divisão dos caminhos foi atingida é alcançada por ambos, embora nenhum deles se sinta capaz desta renúncia. Não representa tudo isto contínuos conflitos, trazendo com eles o sofrimento do tipo mais intenso ?’”⁵⁸

PARA FREDERICO

“Quem duvida verdadeiramente que eu, como velho artilheiro que sou, tenha condições de apontar contra Wagner minha artilharia pesada? - Neste assunto, guardei para mim tudo o que era decisivo - eu amei Wagner”. (Nietzsche)⁵⁹

A dança da vida, de tantos véus, ah mas eles vão caindo!

Infundáveis.

Indescritíveis.

Não há mesmo palavras para descrevê-la – Princesa!

Como me sinto apaixonado e tão pequeno para sequer em meus olhos retê-la!

São níveis de espíritos que se diluem em luz e brilho.

Aceita esta dança querida?!

Porque irei derramar risos e lágrimas qual quem sapateia, não que eu saiba mas que é sabedoria toda esta beleza!

Todos aqui reunidos, enfim - A sós!

Tantos sóis!

E luas e terras do sem fim de todos nós e aqui em mim!

Como dois olhos de profundo destino, de um passado longínquo,

Acaso não percebes a sedução que vagueia por dentro de todas as nossas veias?!

É a dança da vida dançarina, menina, menina dos olhos
da vida,

Que soa imperceptível melodia,

De violinos,

De Mozart,

De todos os nossos destinos.

Reunidos.

Latentes por cada história e por cada pedacinho, pé ante
pé,

Dançarino,

Porventura descrês da arte de quem apenas por todo o
sempre, e tão-somente, é ?!

Ah vem, vem a bailar!

Como Dioniso que sentiu o pé a reclamar – Asas de
passarinho, para ter-vos é preciso clamar por qual de todos os
ninhos?!

Ah querido!

Obrigado por teres vindo,

Meu amigo,

Acaso julgavas que pudesse eu ter me esquecido ?!

PARA FREDERICO

E teremos traçado com nossos passos os caminhos da
Humanidade. Que destino! E tudo por nosso Cristo. Ah Deus!
Como é possível?! Já agora chegados, de chofre, a
conhecermos o que se deu a conhecer desde o princípio - Soem
as trombetas, repiquem os sinos! Ah Dioniso! Vê, é como se
agora e já o sabíamos! Vamos Dioniso, agora sim e sim e sim a
bailar passarinhos, graças ao Espiritismo, recobramos todas as
consciências e as fadas e as belas princesas de todas as terras,
de tanto e de todo o tempo para cá e adiante e para lá, por ali
por ali, somos e por que não os mesmos a cavalgar, como
amigos, se aqui dentro é assim que sentimos, despídos, livres
de todo o peso que sempre nos foi impossível, difícil de
carregar ou mesmo suportar meu amigo, pois soou o hino e a
melodia e em nosso ser esse profundo arrepio, de quem
caminha a procurar e a chegar, o ser pelo seu espírito, o Deus
de todos os filhos, querido, que bom foi termos vindo!

O que são as coincidências ?

Eu e Joice moramos juntos por quase três anos. Ela, que passara grande parte de sua vida no meio teatral, dissera-me certa vez - “Jamais vi nada parecido com esta dança que você dança.” E, de outra – “Você é a pessoa mais teatral que conheci”.

E lembrei-me de 1976 e do meu primeiro encontro com Nietzsche - ano do centenário do Festival de Bayreuth, apogeu e separação - Ah!, mas que palco perfeito para um reencontro, para uma reunião!

E lembrei-me da minha infância como incendiário e de Tadar como incendiário na infância da civilização.

E lembrei-me de Poposo e Dominique.

E lembrei-me de Dona Teresa e Estevinho.

E lembrei-me de Elaine e do mapa.

E lembrei-me de Menina e Robber, de Loba e Russ, e de tantos outros filhos.

E lembrei-me do Délio Maranhão e da Casa Alheia.

E lembrei-me do *leitmotiv* e da melodia contínua.

E lembrei-me de Frederico e de seus aforismos.

E lembrei-me de Kant e da premonição sobre o Livro.

E lembrei-me da morte de Wagner e de meu recente e quase-fatal aneurisma.

E lembrei-me da Amizade Estelar e da “solidão de espírito.”

E lembrei-me de ter ouvido dos ventos muitos dos porquês da minha vida.

E lembrei-me de que “os verdadeiros sentimentos de Wagner nunca foram divulgados”.

E lembrei-me de que sempre sofri para receber várias e pequenas dívidas, e que de Wagner não eram elas recebidas.

E lembrei-me de haver decifrado, após longos anos de observação da vida, um antigo enigma – “a verdade absoluta se dá pelo somatório das verdades relativas” – e pude ver-me enfim na quiromancia, na sociologia, na astrologia, na genética, na psicologia, nas vidas sucessivas, em cada uma das verdades relativas, a espelharem a verdade una de minha vida, e todas unidas em uma sinfonia - ora, o que importa se, em algum dia, todas elas, as esquinas, se fecharão à minha volta?

E lembrei-me de que mesmo sem o talento da música e o evento do filho de outrora, sempre os tivera junto a mim já e ainda agora.

E lembrei-me de que jamais pudera viver sem a música.

E lembrei-me de outro enigma - Religião, Ciência e Filosofia, acaso não estão também reunidas?!

E lembrei-me de que, separados pela separação da religião e do mito, Ricardo e Frederico, reencontram-se no reencontro da religião com o mito.

E lembrei-me de Dioniso, deus-menino, posso vê-lo ainda, aqui dentro, lá tão longe para ser visto, vejam, abraçado a Apolo e estão sorrindo - Ah!, Um Sonho de Dioniso – tudo e todos enfim reunidos!

E lembrei-me de tantos retalhos, que os recolhi ao sabor da melodia dos ventos, como se fossem cartas trocadas e embaralhadas para o jogo dos nossos destinos - Ah! o “eterno retorno”, mas ah, se queres, embaralha-as de novo!

E lembrei-me de que Nietzsche desejava, assim como Wagner, um tema em que pudessem fazer música com palavras... *e então vou gaguejar como um bebê e amontoar imagens como um bárbaro...* á Marcelo, ááá-qui fora, esses dias não chegam por certo, não vão embora... *e apesar da ‘pressa florescente’ da descrição – terei razão...* e gaguejo, e bailo e bailam os meus dedos, é sim aqui dentro, lá tão longe para ser visto, vejam... Um Sonho de Dioniso – uma Ópera sem fim aqui dentro!

E tudo se perpetuou em um momento que nada mais era que um simples momento.

E eu percebi estarem a meu alcance as razões para a loucura e para a iluminação.

E eu peguei todas as razões.

E eu fiz delas medalhas e as dependurei em meu peito.

E eu fiz delas machados e cortei minha cabeça.

E sentei-me no sofá do meu quarto e pela última vez filtrei as lembranças, os sonhos e o sentir.

E um turbilhão de coisas sentou-se dentro de mim.

E, sentados, nos unimos em uma mistura que continha a essência e os momentos.

E eu, estátua de pedra, era estátua de vida.

E o mundo girava à minha volta e eu girava à volta do mundo.

E nós nos entrelaçamos e sorrimos.

E eu fiz delas cavalos e passeei.

E eu fiz delas mulheres e as amei.

E eu fiz delas cobras e me piquei.

E eu fiz delas homens e os matei.

E eu fiz delas urina e urinei.

E eu fiz delas deuses e os adorei.

E eu fiz delas demônios e supliquei.

E eu fiz delas bolas e as chutei.

E eu fiz delas leprosos e cuspi.

E eu fiz delas frutas e as comi.
E eu fiz delas vômito e vomitei.
E eu fiz delas músicas e as ouvi.
E eu fiz delas agasalhos e me cobri.
E eu fiz delas frio e as queimei.
E eu as preendi.
E elas me soltaram.
E eu as soltei.
E elas me prenderam.

ESCADA

A visão espírita é mero primeiro passo, ou degrau de uma escada, que nos descortina sempre um Deus bem maior, nós que, desde o início, insistimos em criar um Deus à nossa imagem e semelhança, com sóis a girarem ao nosso redor, com nossa casa Terra feita em dias de milagres a estigmatizarem a nossa realeza, com o próprio Deus de prontidão a criar almas eternas a nosso bel-prazer, com o próprio Deus a imolar-se na Cruz para a nossa própria remissão e salvação, com homens infalíveis a ligarem e desligarem as tomadas de todo o céu, com o Homem a bater-se com dragões e satanás, com um sem

-fim de criancices que tão bem dizem do porquê de ainda não sermos capazes de compreender um pouco melhor a doutrina do Cristo, presos que somos ao formalismo e ao dogmatismo, libertos que nos colocamos de uma maior argüição da Verdade, na verdade cegos como o cego-de-nascença, surdos e satisfeitos, sentados à beira de uma estrada que é escada que não vemos.

SONS DA VIDA

Os sons da caminhada,
Uma viagem,
Por pianos e cordas,
Oboés,
Por punhaladas,

Dores suaves,
Entrecortadas,
Em profundo arrojo dos cortes,
Tão amada,
A vida a correr alada,
Pelo tanto do desejo de ver-se libertada.

Mas a melodia soa de forma anormal, o Clássico, sou assaltado tal o mesmo espanto e susto e sobressalto, nas cordas do violão de agora, isso, é desatino mas faz sentido, um sentido profundo no âmago do ser que além de reconhecer é na indescritível melodia, ele mesmo, ali, naquela arte,

reconhecido – ó meu Deus!, mas foi onde?, por ali por ali, a galope, o aventureiro herói levado pelas asas das fadas que dançam em baile-de-gala, ou de máscaras, assim, no violão-balada-espanhola, que são como palavras, encruzilhadas, assaltando e dançadas.

“Primeiro falarei aqui de uma idéia que, até onde sei, nunca ocorreu a uma pessoa: precisamos de uma nova mitologia, mas a mitologia tem de estar a serviço das idéias, precisa ser uma mitologia da Razão”.⁶⁰

As verdades relativas, infindas em si mesmas, compõem uma amplidão que explica, cada uma delas, a totalidade do que é, porém com os olhos do que é, também, relativo. Mas impressionam e, portanto, opõem-se, no restrito conceito humano, às outras verdades, também infindas e relativas, e umas às outras. Ledo engano.

"(...) É um erro considerar Wagner apenas do ponto de vista da composição musical. Ele foi, ele quis ser, com todas as suas forças, poeta, dramaturgo, reformador do teatro. Seu temperamento, suas idéias, tudo o impele a ação. É um construtor, um arquiteto. Ninguém teve o espírito mais metódico e mais ordenado que esse anarquista em quem quase todos os seus contemporâneos vêem um destruidor. Se lhes pareceu assim, não é somente porque tinham a vista curta, é também porque as reformas que Wagner quis trazer para a Arte são tão radicais, que lhe foi preciso começar por desbastar o terreno antes de cavar os alicerces e de construir o novo edifício.

Isto não é, de forma alguma, uma imagem: pela pena, pela palavra, vai trabalhar toda a vida para divulgar suas idéias. Pouco a pouco estas se vão coordenar, unificar-se, formar um sistema coerente. Porque não as tirou de um milagre, nem veio ao mundo com a vontade de executar essa reforma; não é um outro Messias e se tem, nesse ideal que se esforça por impor à sua época, uma parte original intuitiva e *a priori*, uma outra deve a leituras, reflexões, modifica-se e se completa segundo as experiências e observações que a vida traz cada dia.”⁶¹

SEGREDOS

Dir-te-ei o segredo da vida ...
Se é que possa ter segredos esse tudo que apenas é,
Isso que é divino e inelutável,
Mas, espera,
Na verdade a vida é toda ela segredos,
Sussurrados aos ouvidos,
Ouve a música-de-fundo do que te digo,
Sente a orgia do momento,
Na paz e no equilíbrio contida,
Percebe o infindo do oceano na agridoce lágrima que pinga,
Gota a gota,

Pequenos segredos aos quais me refiro,
Dir-te-ei sim,
É lá tão longe aqui dentro,
Lá dentro,
Alguém que nos aguarda,
Sempre nós mesmos,
Para o necessário encontro primeiro,
Para pararmos de fugir e de esconder-nos,
Ah de mãos dadas sim,
Assim,
Olhos nos olhos e sinceridade de princípios,
E o eterno esplendor do caminhar,
Mesmo a vagar,
Os passos apressados que são um coração em descompasso,
Que gira e baila e grita,
Todo o amor de cada momento desse sem-fim,
Assim –
Ó Deus!
Eu descobri!

"A modernidade corre o risco de retrocesso quando emergem os fundamentalismos. Eles consistem em interpretar literalmente os textos religiosos, seja a Torá, os Evangelhos ou o Alcorão. Recordo as aulas de catecismo que negavam as teorias de Darwin, tentando nos inculcar que somos descendentes diretos do senhor Adão, casado com a senhora Eva, sem que os catequistas se dessem conta de que Adão, em hebraico, significa terra, e Eva, vida.

O fundamentalista faz uma leitura míope dos livros sagrados e da realidade, aplicando a primeira à segunda. Lê o

texto fora do contexto, como se a Bíblia tivesse a pretensão de normatizar, não apenas a ética que rege todas as dimensões da vida, inclusive a pesquisa científica, mas também dados científicos específicos. O fundamentalista não sabe que a linguagem simbólica da Bíblia, rica em metáforas, recorre a lendas e mitos para traduzir o ensinamento religioso. Por isso, acredita que a Arca de Noé anda perdida em alguma região da Turquia, e que os cursos de idiomas existem graças ao castigo divino aos construtores da Torre da Babel.

O mais grave é que o fundamentalismo julga-se tão portador da verdade quanto sua hermenêutica do texto lido por sua ótica equivocada. Não admite críticas, considerações ou contribuições de outras correntes religiosas ou científicas. Como se só ele entendesse a vontade de Deus. E todos que não concordam são tratados como infiéis, heréticos ou excomungados. Enfim, arvora-se em paradigma universal. (...)

Se estudasse Apel e Habermas, o fundamentalista descobriria a reciprocidade dialógica universal. Se conhecesse

melhor os ensinamentos dos Profetas, de Jesus e de Maomé, veria que o amor consiste em não fazer da diferença divergência.”⁶²

“Mas Nietzsche insiste: ‘Deus está morto! Deus permanece morto! E fomos nós que o matamos!’ Bem mais que mero ateísmo ou simples descrença, a morte de Deus faz parte de um empreendimento filosófico que põe em cena riquíssima trama conceitual.

(...)

Traço essencial de nossa cultura, o dualismo de mundos foi invenção do pensar metafísico e fabulação da religião cristã. Com Sócrates, teve início a ruptura da unidade entre physis e logos - e a filosofia converteu-se, antes de mais

nada, em antropologia. Com o judaísmo, houve o despovoamento de um mundo que estava cheio de deuses - e a religião tornou-se, acima de tudo, um 'monótono-teísmo'. Desvalorizando este mundo em nome de um outro, essencial, imutável e eterno, a cultura socrático-judaico-cristã é niilista desde a base. É a morte de Deus, pois, que tornará possível a Nietzsche fazer a travessia do niilismo.”⁶³

E lembrei-me – que coincidência! – do dionisiaco-niilismo, do pequeno hífen que há tanto eu intuía como um sempre último e próximo passo possível, no Sonho de Dioniso. Pequeno hífen entre a religião e o mito, e por que não? – A razão!

E lembrei-me da “distância entre o saber da fé e o saber que sabe apenas porque soube imaginar”.

UM SONHO

A fé sabe mas não pode imaginar. Ledo engano. Na verdade o dogma que proíbe a fé de imaginar, e de raciocinar, imputando à Verdade enganos demasiado humanos, está com os dias contados. Da forma como vem, a ciência não poderá deter-se ante qualquer milenar engano. E ocorre que a verdade mostrar-se-á muito para além de toda e qualquer imaginação, maior que esta, e não o contrário. Caem por terra, e pelo caminhar inapelável dos homens, a certeza de que o sol giraria em torno da Terra, e a certeza de que a Terra teria sido feita em

seis dias, e tantas outras certezas, e já, até mesmo, o confundir-se com céus e infernos e demônios, ou mesmo, por exemplo, um simples confundir-se o que seria causa com o que é consequência - Decerto, encarnado na Terra, um sábio e santo, por consequência, trilharia o seu caminho de serviço

sendo celibatário, por exemplo. Mas, pode o celibato ser causa de sabedoria ou santidade? Pode, realmente, o espírito que encarna por apenas única vez na Terra, tendo por efêmeros momentos terrenos toda a distância entre o nada e o tudo eternos, dar-se por satisfeito? Sim, a fé da Igreja é tão forte que, por desconhecimento de fatos científicos, ou por falta do exercício da imaginação, acredita ela até mesmo na ressurreição da carne. Pena que faz ela prolongar-se um tempo apenas porque uma outra certeza, fora do momento do basta!

da ciência, é do demônio ou da demência - Não, não temas meu querido, pequenino, vê, tu foste indo pelo infundo e retornaste repleto pela poesia, que, de mãos sempre dadas com a vida, caminha pelo mundo sorrindo com a arte de homens e pássaros. Para no eterno chegarmos. Para imaginarmos.

“Naquele tempo, dois motivos ocasionaram a busca de um novo mito.

Por um lado, a Razão entra em um estado intenso de auto-questionamento no fim do Iluminismo. A razão é forte lá onde pode questionar e analisar criticamente os elementos tradicionais de moral e religião. Friedrich Schlegel escreve: ‘O espírito crítico tornou-se diretamente político e tentou uma revolução do mundo burguês; de outro lado explicou e esclareceu tanto tempo a religião que no fim ela se tornou muito tênue e desapareceu de tanta claridade’. Mas essa claridade é sentida negativamente: a necessidade de sentido e objetivos mais altos permanecem mesmo quando se receia não poder passar além de imaginações. O melhor será que a Razão

se harmonize com a Imaginação para criar novas sínteses de atribuição de significados. Os autores do esboço de programa chamam a esse projeto ‘Mitologia da Razão’. Os primeiros românticos sonham que ela deve surgir do trabalho comum de escritores e filósofos, músicos e pintores, e substituir a religião oficial enfraquecida. Essa 'Mitologia da Razão' deve ‘ser formada do fundo mais fundo do espírito’, uma ‘obra como uma nova criação que começa do início partindo do Nada’”.⁶⁴

O VÔO MAIS LONGO

O vôo mais longo.

Atrás dele partiram sonhos e artes e histórias, de homens e de gaivotas.

O vôo mais longo.

Mas é esta, na verdade, a nossa história. A de homens que eram nada mas que tudo seriam.

O vôo mais longo.

Como o de Ricardo e de Frederico, que agora vão sonhar unidos pela carne que dá arrepios.

O vôo mais longo.

Cantado e tocado e escrito, como tão bem o fizeram Ricardo e Frederico, esses passarinhos.

O vôo mais longo.

O de ter vivido.

O vôo mais longo.

Poesia, na verdade, apenas é o deparar-se do ser, criatura, com o Ser, Criador. Apenas isso.

O vôo mais longo.

Adeus Frederico - Sê bem-vindo!

E já agora, o nosso vôo mais longo pois o que mais unido - Eu te amo meu amigo!

Cerram-se as cortinas.

Nada é mais espontâneo do que aquilo que é o mais óbvio e o mais profundo – a verdade é sim de uma absurda simplicidade, é sim a coerência do supostamente incoerente, da arte do inconsciente, pois que, para ela, para o que é, o mais complexo dos enredos – a intrincada vida na inteligência dos singelos terrenos – flui grácil e fácil como o soprar do destino-vento, que todas as folhas mistura, qual cartas embaralhadas, que em Royal Street Flash se apresentam.

“Jesus ‘jamais negou o mundo, o estado, a cultura, o trabalho; ele simplesmente nunca tomou conhecimento de suas existências ... As únicas realidades para ele eram realidades interiores, e vivê-las faz o homem se sentir *nos Céus e eterno*, isto é, que era ser *salvo*’”.⁶⁵

NA COXIA

E disse ao vento – Sussurre isto pela eternidade ... Somos os heróis de nossas odisséias ... O palco está dentro de cada um, e não fora ... Abrigamos os deuses e os demônios em nossa assistência ... A fadas e um só Deus em todos os mitos ...

Aqui, entre os vivos, sê bem-vindo E obrigado por teres vindo!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. FOERSTER-NIETZSCHE, Elizabeth (org.). *Nietzsche Correspondência com Wagner*. Tradução Maria José de La Fuente. Lisboa: Guimarães Editores, 1990, p.11.
2. Nietzsche apud SAFRANSKI, Rüdiger. Nietzsche. *Biografia de uma tragédia*. Tradução Lya Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2001, p.76.
3. SAFRANSKI, Rüdiger. *Op. cit.*, p. 78.
4. SAFRANSKI, Rüdiger. *Op. cit.*, p. 73.
5. SAFRANSKI, Rüdiger. *Op. cit.*, p. 97.
6. SAFRANSKI, Rüdiger. *Op. cit.*, p. 75.
7. SAFRANSKI, Rüdiger. *Op. cit.*, p. 49.
8. SAFRANSKI, Rüdiger. *Op. cit.*, p. 78.
9. FOERSTER-NIETZSCHE, Elizabeth (org.). *Op. cit.*, p. 331-332.
10. Apud FOERSTER-NIETZSCHE, Elizabeth (org.). *Op. cit.*, p. 331.
11. FERES, Marcelo Gomes Jorge. Retalhos de um sonho de Dioniso. In *Momento Literário*. Rio de Janeiro: Shogun Editora e Arte, 1987.
12. FERES, Marcelo Gomes Jorge. Teatro. In *Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Shogun Editora e Arte, 1990.

13. FERES, Marcelo Gomes Jorge. Estranho Ser. In *Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Shogun Editora e Arte, 1989.
14. SAFRANSKI, Rüdiger. *Op. cit.*, p. 13.
15. SAFRANSKI, Rüdiger. *Op. cit.*, p. 14.
16. FERES, Marcelo Gomes Jorge. Visão. In *Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Shogun Editora e Arte, 1989.
17. FERES, Marcelo Gomes Jorge. Distante. In *Poetas Brasileiros de Hoje*. Rio de Janeiro: Shogun Editora e Arte, 1989.
18. FERES, Marcelo Gomes Jorge. Pequeno Conto Poético. In *Contos Brasileiros*. Rio de Janeiro: Shogun Editora e Arte, 1988.
19. SAFRANSKI, Rüdiger. *Op. cit.*, p. 319.
20. SAFRANSKI, Rüdiger. *Op. cit.*, p. 320.
21. Nietzsche: Vida e Obra (Introdução). Consultoria de Marilena de Souza Chauí. In Nietzsche. Os Pensadores. *Obras Incompletas*. Seleção de textos de Gérard Lebrun. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. XI.
22. FERES, Marcelo Gomes Jorge. Vazio. In *Escritores Brasileiros*. Rio de Janeiro: Crisalis Editora, 1988.
23. Nietzsche a Sofia Ritschl apud SAFRANSKI, Rüdiger. *Op. cit.*, p. 51.
24. SAFRANSKI, Rüdiger. *Op. cit.*, p. 51.
25. WHITHALL, Arnold. O nascimento do modernismo: o impacto de Wagner na história da música. In MILLINGTON, Barry (org.). *Wagner: um compêndio*. Tradução de Luiz Paulo Sampaio e Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995, p. 465.
26. LARGE, David C. A receptividade à obra. In MILLINGTON, Barry (org.). *Wagner: um compêndio*. Tradução de Luiz Paulo Sampaio e Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995, p. 449.
27. DUMESNIL, René. Vida de Wagner. In *Biblioteca de Cultura Musical*. Volume VII. Tradução Maria Ricardina Mendes de Almeida. São Paulo: Atena Editora, 1957, p. 11.
28. FURNES, Raymond. O impacto de Wagner na literatura. In MILLINGTON, Barry (org.). *Wagner: um compêndio*. Tradução de Luiz Paulo Sampaio e Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995, p. 465.
29. FURNES, Raymond. O impacto de Wagner na literatura. In MILLINGTON, Barry (org.). *Op. cit.*, p. 466.
30. DUMESNIL, René. *Op. cit.*, p. 53.
31. DUMESNIL, René. *Op. cit.*, p. 50.
32. DUMESNIL, René. *Op. cit.*, p. 55.
33. DUMESNIL, René. *Op. cit.*, p. 56.
34. Nietzsche: Vida e Obra (Introdução). Consultoria de Marilena de Souza Chauí. In Nietzsche. Os Pensadores. *Op. cit.*, p. XII.
35. FERES, Marcelo Gomes Jorge. Só-corro. In *Poetas Brasileiros de Hoje*. Rio de Janeiro: Shogun Editora e Arte, 1988.
36. FERES, Marcelo Gomes Jorge. Saudades. In *Nova Poesia Brasileira*. Rio de Janeiro: Shogun Editora e Arte, 1989.
37. DUMESNIL, René. *Op. cit.*, p. 21.
38. DUMESNIL, René. *Op. cit.*, p. 45.
39. FERES, Marcelo Gomes Jorge. Histórias de Bichos. In *Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Shogun Editora e Arte, 1990.
40. FERES, Marcelo Gomes Jorge. Páginas. In *Poetas Brasileiros de Hoje*. Rio de Janeiro: Shogun Editora e Arte, 1991.
41. FERES, Marcelo Gomes Jorge. Sentimentalismo. In *Nova Poesia Brasileira*. Rio de Janeiro: Shogun Editora e Arte, 1988.
42. FOERSTER-NIETZSCHE, Elizabeth (org.). *Op. cit.*, p.278.

43. FOERSTER-NIETZSCHE, Elizabeth (org.). *Op. cit.*, p.246.
44. Apud FOERSTER-NIETZSCHE, Elizabeth (org.). *Op. cit.*, p.126.
45. Apud FOERSTER-NIETZSCHE, Elizabeth (org.). *Op. cit.*, p.108.
46. Apud FOERSTER-NIETZSCHE, Elizabeth (org.). *Op. cit.*, p.302.
47. SAFRANSKI, Rüdiger. *Op. cit.*, p. 52.
48. SAFRANSKI, Rüdiger. *Op. cit.*, p. 52-53.
49. Publicado pela FEB – Federação Espírita Brasileira. 10ª ed. Tradução de Almerindo Martins de Castro. Rio de Janeiro, 1993 e 1994.
50. FERES, Marcelo Gomes Jorge. Filme. In *Antologia Poética de Cidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: Shogun Editora e Arte, 1989.
51. Apud Nietzsche. Os Pensadores. *Op. cit.* (Ecce-Homo - Como tornar-se o que se é), p. 371.
52. Apud Nietzsche. Os Pensadores. *Op. cit.* (Ecce-Homo - Como tornar-se o que se é), p. 372 - 373.
53. SAFRANSKI, Rüdiger. *Op. cit.*, p. 69.
54. SAFRANSKI, Rüdiger. *Op. cit.*, p. 13.
55. SAFRANSKI, Rüdiger. *Op. cit.*, p. 15-16.
56. SAFRANSKI, Rüdiger. *Op. cit.*, p. 18.
57. SAFRANSKI, Rüdiger. *Op. cit.*, p. 68-69.
58. FOERSTER-NIETZSCHE, Elizabeth (org.). *Op. cit.*, p.329-330.
59. NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo – Como alguém se torna o que é*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 102.
60. Atribuído a Schelling, Hegel e Hölderlin apud SAFRANSKI, Rüdiger. *Op. cit.*, p. 79.
61. DUMESNIL, René. *Op. cit.*, p. 47-48.
62. FREI BETTO. A ótica míope do fundamentalismo. *Jornal do Brasil*, 08 de outubro de 2001.
63. MARTON, Scarlett. Deus está morto! *Jornal do Brasil*, 19 de agosto de 2000.
64. SAFRANSKI, Rüdiger. *Op. cit.*, p. 79.
65. Havelock Ellis (referindo-se a Nietzsche) apud PIPES, Richard. *Propriedade e Liberdade*. Tradução Luiz Guilherme B. Chaves e Carlos Humberto Pimentel Duarte da Fonseca. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 34 [rodapé].

Sobre o Autor e sua Obra

Marcelo Gomes Jorge Feres, nascido em 06/07/1957 em Niterói, estado do Rio de Janeiro, formado em Administração pela EBAP- Escola Brasileira de Administração Pública, órgão da Fundação Getúlio Vargas-RJ. Atualmente cursa Direito na faculdade Estácio de Sá. Característica sua foi sempre a introspecção criativa segundo um modelo de questionamento e de criação poético-filosófico. Reside atualmente no bairro da Tijuca, no Rio de Janeiro.

Para corresponder com o autor, escreva:
marcelogferes@ig.com.br